

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA EM RIO GRANDE: UMA PROPOSTA
DA OCUPAÇÃO GUARANI PRÉ-HISTÓRICA NO RIO GRANDE DO SUL

MIRIAN BAPTISTA CARLE

Dissertação submetida como requisito
para a obtenção do título de MESTRE
EM HISTÓRIA DA SOCIEDADE
IBÉRICA E AMERICANA

Orientador: Professor Dr. Klaus Peter Kristian Hilbert

Porto Alegre, dezembro de 2002

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

DEDICATÓRIA

A meu irmão Prof. Ms. Cláudio Carle pela co-orientação, por ter dedicado suas horas tão preciosas para que esta dissertação fosse concluída. A meu pai Victor Hugo e meus irmãos (Ana Poka, Rogério, Mateus e Ricardo), pelo amor, carinho e estímulo que me deram.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer:

Em especial a meu Orientador Professor Klaus Peter Kristian Hilbert, pelo apoio, acompanhamento e ensinamentos que efetuou, principalmente neste trabalho, ajudando-me a explorar com liberdade, mas firmeza, todos os passos que até o momento efetuei.

A CAPES que com a concessão de sua bolsa permitiu que este trabalho de mestrado fosse realizado.

A minha Mãe Therezinha que não pode acompanhar este trabalho em corpo, mas tenho certeza que me acompanhou em espírito.

A meu pai Victor Hugo que mesmo em seu silêncio muitas coisas me proporcionou.

Ao Professor Especialista Guilherme Naue pelos primeiros passos que me deu na área de Arqueologia.

Ao Professor José Proenza Brochado pelos ensinamentos sobre cerâmica Guarani, o que me levou a insistência na área.

A meu irmão Professor Ms. Cláudio Carle (Clodi) pelas discussões e advertências na área de arqueologia ensinando-me um pouco do muito que ele sabe.

A Márcia Lara da Costa, por todos os momentos agradáveis que passamos juntas, pelo apoio e dedicação de uma grande secretária e Amiga.

A Carlinha, Rosana e Alice, secretárias do Pós-graduação em História pelos “quebra-galhos” e pela amizade.

A minha irmã Ana Cristina (Poka) pelo companheirismo.

A meu irmão, jornalista, Ricardo Carle que com as suas dificuldades me ajudou a crescer.

A todos aqueles colegas, professores, mestres e doutores, que estiveram juntos no trabalho de campo referente a este trabalho: Klaus, Brochado, Cláudio, Gislene, Sirlei, Lizete, Mara, Claudia, Ricardo, Karla, Felipe, Mateus Carle, Ângela, Deise, Thais, Sérgio, Érico, Vera, Luciana, etc..

A **todos** meus amigos e colegas do CEPA, aos já citados acima, Adriana Dias, Junior, Magda (Divina), Etiene, Renata, Denise, Leonardo, Gustavo, Cristiano, Jéferson, Rafael a todos que já saíram, que voltaram e aos que estão.

A todos aqueles que me ajudaram no decorrer deste trabalho de pesquisa e de minha formação acadêmica, e também pessoal, professores de graduação, pós-graduação, colegas e amigos.

RESUMO

Esta dissertação sugere uma proposta para um assentamento Guarani pré-histórico no Rio Grande do Sul, através da interpretação dos resultados obtidos a partir da investigação arqueológica, ocorrida em janeiro de 1993, na localidade de Povo Novo, em Rio Grande. Os resultados interpretativos desta pesquisa proporcionaram uma visão da distribuição espacial do material nas diferentes áreas de atividades em vestígios de habitações indígenas Guarani. Sendo o resultado de uma das maiores escavações realizadas em sítio arqueológico pré-histórico no Rio Grande do Sul, através de uma metodologia de escavação de grande área.

A amplitude do espaço escavado no sítio de Povo Novo possibilitou identificar diferentes áreas de atividades, demarcadas por manchas no solo e pela distribuição espacial do material. A compreensão destes materiais é assegurada por uma análise já bem sucedida em laboratório, definida por uma técnica investigada quantitativa e qualitativa através de uma análise técnico-tipológica e funcional das cerâmicas recolhidos em campo.

O trabalho visa demonstrar que é possível montar um assentamento Guarani pré-histórico através da identificação da distribuição dos diversos artefatos arqueológicos, com ênfase na sua funcionalidade e concentração.

Com o resultado destes dados brutos e com o uso dos conceitos de assentamento, áreas de atividade e sincronia buscamos demonstrar a forma de ocupação (contexto) dos Guarani neste sítio.

INTRODUÇÃO

“No grupo guarani não é fácil, nem interessante separar dados históricos dos arqueológicos, devido à sua íntima conexão, mas será preciso manejá-los simultaneamente, buscando uma antropologia e uma história dos agricultores do mato em todas as etapas da sua evolução. De certa forma todas são hoje arqueológicas” (Schmitz, 1991, p.31).

Considerando as relações possíveis entre estas ciências no estudo sobre os Guarani, ampliarei o seu desenvolvimento histórico nesta dissertação, com ênfase nos conhecimentos arqueológicos, aprofundando os dados sobre este grupo, no sentido de subsidiar novos trabalhos sobre a dinâmica social dos mesmos.

Na década de 1940, Áureo Nunes de Almeida, Oscar Pernigotti e outros percorreram a região de Rio Grande e localizaram vários sítios arqueológicos (Pernigotti & Almeida, 1961; Almeida, 1993). No final da década de 1960 José Proenza Brochado e Pedro Ignácio Schmitz pesquisaram a área, localizaram sítios Guarani “sobre e entre dunas” e sítios Vieira. Foram efetuadas algumas escavações, principalmente em cerritos¹ (Naue et al, 1968, 1971; Schmitz, 1976).

Guilherme Naue, na década de 1970, realizou coletas superficiais em áreas junto à Laguna dos Patos, principalmente na Fazenda Soares, caracterizando que os Sítios de Tradição Tupiguarani

“(...) estão localizados sobre a costa fóssil da Lagoa dos Patos (...) apresentam-se erodidos e neles aparecem numerosas concentrações de cerâmica,

¹ São aterros antrópicos. Cômoros ou morrinhos dos bugres como são também conhecidos, ocorrem nos terrenos planos, baixos e alagadiços, apresentam a base elíptica ou circular (Naue et al, 1968, p.144).

instrumentos líticos e áreas (manchas) de terra escura. Estas áreas, provavelmente, indicam os locais onde estiveram habitações (...). Normalmente encobertas pelas areias movediças, surgem à vista por ocasião dos fortes ventos. O material arqueológico aflora na superfície das depressões, entre as dunas movediças, em geral, abaixo do nível da camada de ocupação, quase sempre destruída pela deflação eólica. Em todos os sítios foram realizadas coletas sistemáticas e completas (...).

O sítio RG 2-1 possui parte da camada de ocupação ainda conservada. Realizamos nele um corte sistemático de 2 m por 1m50. A camada de 12 cm de espessura forneceu 129 cacos de cerâmica, excelente porção de carvão, alguns ossos de restos de alimentação. O carvão submetido a análise do C14, foi datado em 890 ± 40 , A. P. 1060 (SI - 1190)" (Naue, 1973, p.257).

Em 1991 foi retomada a pesquisa através da análise do material, proveniente das pesquisas anteriores, depositado no Centro de Estudo e Pesquisas Arqueológicas (CEPA / FFCH / PUCRS).

Nas pesquisas anteriormente executadas sobre os Guarani, não foram aprofundadas as formas de ocupação, o habitat e a distribuição do material nesta área, pois não foram efetuadas escavações em grande escala, somente ocorreram coletas superficiais e poços testes.

Na pesquisa realizada em janeiro de 1993, no sítio RS RG 002, na Fazenda Soares, localidade de Povo Novo, município de Rio Grande, Rio Grande do Sul, ocorreu o II Sítio Escola Internacional de Arqueologia, sob apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS). Foi feita uma escavação com o objetivo de oportunizar aprendizagem em arqueologia de campo para alunos, bolsistas e estagiários, bem como de ampliar o conhecimento arqueológico da região, com retomada das análises do material arqueológico.

O trabalho possibilitou coletar vestígios arqueológicos em uma área de 2500m² e dentro desta foi realizada, em 650m², decapagem com plotagem total das evidências identificadas².

Dos objetos coletados o material cerâmico, que é em maior quantidade, foi analisado por tratamento de superfície e tipo de inclusões contidas na argila (antiplástico). Torna-se importante lembrar o que La Salvia & Brochado definem como acabamento superficial (tratamento de superfície) :

“modo de acabamento ao tratamento aplicado a superfície das paredes dos recipientes cerâmicos. Este tratamento nem sempre tem a finalidade decorativa, por vezes sua intenção é utilitária ou de simples acabamento” (1989, p.25).

Também foram desenhados os perfis das bordas cerâmicas e reconstrução gráfica das vasilhas, para podermos definir a sua funcionalidade (Meggers & Evans, 1970; Brochado, Monticelli & Neumann, 1990).

A análise preliminar obteve os seguintes números: número total de 13.395 objetos arqueológicos (cerâmica, lítico, molusco, ósseo, carvão, ferro e louça), sendo que 12.675 fragmentos cerâmicos, 503 fragmentos orgânicos (ossos, carvão, moluscos), 202 peças líticas, 10 fragmentos de ferro e 5 fragmentos de louça. Os fragmentos de ferro e louça aparecem na superfície do sítio.

Foram identificados em campo dois tipos de estruturas: a primeira delas com pouca profundidade, com concentração de carvão e fragmentos de cerâmica, interpretada como fogueira. Outro tipo de evidência encontrada foi de quatro marcas de estacas bem delimitadas, com cerca de 30cm de diâmetro e profundidades variadas e muitas marcas de esteios periféricos menores. Junto a estas evidências

² Desenho do material *in situ*, ou seja, exatamente onde estava no sítio quando foi encontrado.

encontramos muitos fragmentos de carvão e restos de alimentação. Essas marcas de estaca aparecem relativamente alinhadas na direção W-E.

Foram realizadas datações absolutas por rádio carbono tendo sido obtidas duas datas por C 14 (Beta 64560): 580 ± 50 AP e (Beta 64284): 510 ± 60 AP.

Com o resultado destas pesquisas preliminares elaboramos o projeto que estamos apresentando. Objetivamos demonstrar as possibilidades de um estudo dos fragmentos cerâmicos, através de uma análise tecno-tipológica e funcional, buscando reconstruir a distribuição espacial do material nas áreas de atividade, criando uma proposta inicial para o entendimento de um contexto arqueológico Guarani. Para tanto foram processados em laboratório, através de análise técnico-tipológica, as amostragens da cultura material recolhida no Sítio RS RG 002, identificado pelo Pesquisador Guilherme Naue, em 1968.

A análise incluiu o estudo da composição, preparação e queima da pasta das vasilhas de cerâmica, com exame sob lupa binocular. Estudou-se a morfologia das vasilhas, até onde estas possibilitavam ser reconstruídas a partir dos fragmentos recolhidos. Foram realizados levantamentos e fichamentos de informações arqueológicas a respeito dos indígenas pré-históricos Guarani do Brasil e de outras localidades da América, no sentido de reconhecer funcionalidades dos artefatos reconstituídos. Este trabalho é demarcado por uma ampla documentação gráfica e fotográfica do material arqueológico analisado, incluindo reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmicas a partir de seus fragmentos. Foram confeccionadas tabelas, quadros e gráficos que sistematizam os resultados qualitativos, quantitativos e de distribuição espacial do material arqueológico no sítio e definiram-se os sistemas de atividades, as formas de habitação e descarte dos artefatos.

(...) “A reconstituição da cultura deverá ser necessariamente o trabalho de uma segunda etapa, na qual dados sobre o abastecimento, a estrutura da casa e da aldeia, a territorialidade, os rituais de sepultamento, a tecnologia e muitos outros terão de ser rigorosamente observados e elaborados” (Schmitz, 1991, p. 31-2).

Este trabalho demonstra que é possível investigar um assentamento Guarani pré-histórico a partir da identificação da distribuição dos diversos artefatos arqueológicos, com ênfase na sua funcionalidade e concentração.

Este tipo de definição foi implementado em outros locais do mundo³, mas até o momento não foi testado com os Guarani pré-históricos. Assegurada sua viabilidade, esta poderá ser utilizada para os diversos sítios possibilitando o reconhecimento desta ou daquela área de atividade, em prospecções de sítios deste contingente humano.

Nas pesquisas arqueológicas realizadas sobre os Guarani pré-históricos, até o momento, não houve nenhuma interpretação já publicada de escavação que abrangesse uma área tão extensa, quanto a do sítio da Fazenda Soares em Povo Novo (1993). Além da grande extensão de área escavada, foi efetuada uma pesquisa minuciosa da distribuição do material no sítio.

Entre 1966 e 1977 Guilherme Naue, Coordenador do CEPA da PUCRS, desenvolveu extensas pesquisas arqueológicas no município de Rio Grande. Estas pesquisas incluíram: mapeamento de sítios superficiais e aterros; medições destes sítios; coletas superficiais de material arqueológico; escavações estratigráficas e poços-testes; estudo tipológico sumário do material recolhido.

³ Renfrew e Bahn, 1993, p. 166.

Todo este material gráfico e interpretativo possibilitará, pela primeira vez, que se entenda a maneira como se organizavam os Guarani pré-históricos com ênfase nos métodos arqueológicos até o momento atual da ciência.

Consideramos adequado, para melhor desenvolvimento da investigação, adotar como metodologia, o trabalho de gabinete e o de laboratório.

O trabalho de gabinete contou com uma primeira etapa de interpretação dos dados da escavação do sítio arqueológico. Procuramos realizar uma nova avaliação que fundamentou o desenvolvimento da pesquisa, nos fornecendo dados significativos para a reconstrução do ambiente das habitações Guarani que ali se estabeleceram. Este buscou identificar os aspectos genéricos do ambiente que envolveu o assentamento destes Guarani no lugar.

Com relação ao trabalho de laboratório, devemos ressaltar que uma etapa já estava finalizada, desde o fim da primeira parte da pesquisa, quando foram lavados, catalogados, numerados e analisados parcialmente os fragmentos cerâmicos coletados no trabalho de campo realizado em 1993.

A segunda etapa de trabalho de laboratório envolveu a análise técnico-tipológica total da amostragem da cultura material, através de uma *ficha de análise*⁴ elaborada por Brochado, Hilbert e Carle (1993) (vide anexo 1). Esta análise gerou uma lista documental que serve para caracterizar a variabilidade dos artefatos cerâmicos recolhidos, possibilitando o entrecruzamento de dados e construindo padrões de artefatos pelos seus atributos (vide anexo 2). Preparamos a documentação gráfica e fotográfica do material arqueológico analisado, bem como a reconstrução gráfica das vasilhas cerâmicas a partir de seus fragmentos.

Confeccionamos tabelas, quadros e gráficos que sistematizem os resultados qualitativos, quantitativos e de distribuição espacial do material arqueológico no

⁴ Ficha elaborada através da utilização do aplicativo *Excel*.

sítio.

Com o resultado destes dados brutos e com o uso conceitual de assentamento, áreas de atividade e sincronia buscamos demonstrar a forma de ocupação (contexto) dos Guarani neste sítio, desde seu início até seu abandono.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I	
“UM GRUPO, UM AMBIENTE: UM SÍTIO, UM MATERIAL”.....	14
CAPÍTULO II	
DE UMA REGIÃO A UM SÍTIO ESCAVADO: Os processos de investigação arqueológica na área de evidenciação do sítio arqueológico Guarani identificado como RS-RG 002, localidade de Povo Novo, Rio Grande.....	24
2.1 Região em evidenciação arqueológica.....	24
2.2 A escavação em área ampla do Sítio RS 002.....	36
CAPÍTULO III	
A CONSTRUÇÃO DA TERMINOLÓGICA: Descrição dos trabalhos executados em laboratório.....	41
3.1 Metodologia de laboratório.....	43
3.2 Desenho dos perfis de bordas e reconstituição das vasilhas cerâmicas.....	54
CAPÍTULO IV	
ARQUEOLOGIA COMO INTERPRETAÇÃO: análise dos resultados.....	61
4.1 A Cerâmica.....	64
4.2 Casas aldeia.....	67
INTERPRETAÇÕES: Quadro interpretativo.....	71
FOGÕES.....	78
JIRAUS.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81

OBRAS CONSULTADAS.....	87
ANEXOS.....	95

CAPÍTULO I

“UM GRUPO, UM AMBIENTE: UM SÍTIO, UM MATERIAL”

Os pressupostos que nortearam as definições que são usadas para o sítio em análise baseiam-se nas constatações feitas por José Proenza Brochado (informação pessoal, 1998) de que a Tradição arqueológica Tupiguarani para este sítio não poderia ser utilizada, devendo ser substituída pela Tradição Guarani. Esta idéia identifica uma cultura material que corresponderia aos antepassados diretos dos grupos indígenas identificados como Guarani que contataram com os europeus no século XVI, que foram levados ao processo de missionarização.

Segundo Schmitz:

“há uma ligação inegável entre os Guarani históricos e os reconstituídos através da arqueologia. Os pontos onde a conexão se torna incontrovertível são as reduções do primeiro período missionário espanhol (1626-1636)” (Schmitz, 1991, p.31).

É importante ressaltar isto, em virtude de serem afirmados neste trabalho sempre a Tradição Guarani e não a Tradição Tupiguarani elaborada através dos estudos do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA entre os anos de 1965-1971 (Prous, 1991, p. 16).

O que se buscou desenvolver foi a implementação de metodologia de campo que propicia reconhecer um sistema de assentamento dos Guarani pré-históricos na região de Rio Grande possibilitando uma identificação inicial de áreas de atividades destes grupos considerando a ampla área escavada.

“Outra perspectiva de análise que vem crescendo nos últimos anos tem sido aquela que procura entender os registros arqueológicos enquanto testemunhos de adaptações ambientais. O termo ‘padrão de assentamento’ tornou-se recorrente nestes estudos. A intenção parece ser a de tentar associar características ecológicas à implantação dos sítios. Assim, sítios associados a um grupo cultural teriam preferencialmente uma localização em um ambiente padrão” (Assis, 1999, p.229).

No estudo que realizamos encontramos uma base importante para discutir o padrão de assentamento que serve como referência, mas não como definidor do mesmo. Estas referências estão na localização, forma e meio de ocupação das habitações reconhecidas, o que faz com que este estudo das relações intra-sítio seja fundamental.

Esta dissertação desenvolve uma proposta para a ocupação Guarani pré-histórica no Rio Grande do Sul, através da interpretação dos resultados obtidos a partir da investigação arqueológica ocorrida em janeiro de 1993, na localidade de Povo Novo no município de Rio Grande⁵. Os resultados interpretativos desta pesquisa proporcionaram uma visão da distribuição espacial do material nas diferentes áreas de atividades dentro e ao redor da habitação indígena Guarani, sendo uma das maiores escavações realizadas neste tipo de sítio arqueológico⁶ no Rio Grande do Sul.

“El enfoque conceptual se basa em la convicción de que los arqueólogos necesitan examinar todos los aspectos posibles de una cultura arqueológica para poder comprender el significado de cada una de las partes que la componem” (Trigger, 1992, p.325).

Os estudos realizados nos conduziram por linhas teóricas convergentes na medida em que tratam da questão contextual/ambiental e para tanto nos fixamos na Teoria de Alcance Médio (Binford Apud Dias, 2001) e na Geoarqueologia (Morais,

⁵ Mapa da localização, anexo 3.

⁶ São locais onde podem ser encontrados vestígios de atividades humanas do passado.

2000). Estes modelos são básicos para o entendimento de nosso objeto de estudo, em função dos pressupostos levantados por eles e que estão relacionados a sistemas regionais de povoamento e relações intra-sítio. Os conhecimentos desenvolvidos por estes dois vetores da arqueologia possibilitam um entendimento dos contextos na identificação de áreas de atividade.

Seguindo o pensamento de Morais (2000, p.15) para os sítios Guarani, na busca de implementação de um modelo regional é possível identificar o sítio RS RG 002 - Fazenda Soares, como parte de um “sistema regional de povoamento” dos horticultores Guarani pré-coloniais. Sendo assim, buscamos verificar se as propostas sugeridas por Morais (2000) são passíveis de se desenvolver para o sítio em destaque.

O sítio está inserido dentro de uma morfologia e função de acampamento, ou aldeia, no sentido em que é comparável aos outros da região. Estes dados já foram levantados por Naue (1973) que trata dos sítios da "costa fóssil da Lagoa dos Patos" onde a figura dos núcleos de solo antropogênicos (Morais, 2000, p. 11) ou manchas de terras escuras (Naue, 1973, p.257), demarcariam as primeiras noções de locais de inserção dos cultivadores Guarani na região.

“Estas áreas, provavelmente, indicam os locais onde estiveram habitações, possuem forma elíptica e suas dimensões variam de 12 para 6 m, 10 para 5m, 8 para 4m, e menores, normalmente encobertas pelas areias movediças, surgem à vista por ocasião dos fortes ventos. O material arqueológico aflora na superfície das depressões, entre as dunas movediças, em geral, abaixo do nível da camada de ocupação, quase sempre destruída pela deflação eólica. (...) Os sítios até o momento são considerados de habitação” (Naue, 1973, p.257-58).

Considerando o modelo proposto por Morais (2000, p.15-16) apresentamos os processos de formação deste sistema regional de povoamento, onde teríamos estes

sítios como ocupações que se constituem a “céu aberto”⁷. Há preocupações de ordem locacional, no qual predomina um domínio espacial⁸ da região (padrão que se repete conforme as pesquisas de Naue e pelas observações realizadas durante a etapa de campo de 1993). Os Guarani ocupam posições sobre as dunas mais altas e com boa visibilidade do entorno, tendo como base também a fonte de extração dos barros para confecção cerâmica, que no caso do sítio em estudo, estes prováveis locais situam-se a menos de duzentos metros do assentamento.

Os materiais arqueológicos predominantes são cerâmicos. As cotas altimétricas estão até 5 metros acima do nível do mar, em topos da barreira produzida por antigas dunas de um período marinho que conformou a região. Os pequenos veios líquidos tributários da Laguna são escolhidos pelos Guarani para o abastecimento de água e de barros para a produção da potaria. Geomorfologicamente os aspectos topográficos estão relacionados a este cordão de dunas onde se dá a possibilidade de desenvolvimento de matas sub-tropicais relacionadas a estruturas arbustivas, arbóreas e mesmo matas de galeria (Naue, 1973, p.248).

É importante salientar que a área do município de Rio Grande, onde inseri-se esta série de sítios Guarani, é formada por uma bacia sedimentar com depósitos marinhos e lacustres. As cotas altimétricas são destituídas de importância, situam-se em torno dos cinco metros, o que as torna na planície desta região, áreas de destaque.

A planície costeira do Rio Grande do Sul é a zona de formação mais recente do relevo gaúcho. Nela predominam duas grandes restingas: a de São José do Norte e a de Rio Grande, esta última prolongando-se 30 Km, em território Uruguaio. Sobre estas, formaram-se caminhos terrestres que marcaram a dinâmica de ocupação Guarani até a atualidade (Noelli, 1994).

⁷ Leia-se Sítios a céu aberto.

⁸ Moraes (2000, p.15) identifica como em acrópole com um “amplo domínio visual da *skyline*”.

(...) “Ao redor de 700 a 800 d.C. realmente a subtradição Corrugada está plenamente desenvolvida no Alto Uruguai e no Médio Jacuí e mostra um grande vigor colonizatório.

Além do povoamento no noroeste do estado já temos neste período antigo uma aldeia no vale alto Jacuí, mostrando que desde cedo esses horticultores saíram em busca de outras matas para cultivar.

Na medida em que a subtradição se consolida, há uma grande expansão colonizadora, em decorrência de considerável aumento demográfico. Entre os séculos IX e X começamos a perceber núcleos em todos os vales cobertos de matas e ao longo das lagoas do litoral” (Schmitz, 1990, p.38)⁹.

Percebe-se que estes grupos buscam consolidar, na região que é bastante diferente de seu ambiente de origem, sua estrutura de assentamento. Este ambiente é marcado por um sistema lagunar.

Estas duas restingas de São José do Norte e Rio Grande deram origem ao maior sistema lagunar do Brasil com a formação da Laguna dos Patos, lagoas Mirim e Mangueira. São lagoas de barragem, isto é, aprisionadas pela progressão de duas faixas arenosas junto ao continente. A planície costeira é pleistocênica¹⁰ e holocênica¹¹, prolongando-se em nossos dias pela contínua deposição de novos sedimentos marinhos e lacustres. O nível do mar, até o terciário-médio¹² estava nos limites da borda do planalto cristalino sul-riograndense. A partir do pleistoceno, forte sedimentação se fez sentir ao longo de antiga linha litorânea, fazendo com que o

⁹ “Os arqueólogos baseados nas diferenças existentes nos recipientes cerâmicos em termos de decoração, forma e fabricação, denominaram o ramo Tupi de subtradição Pintada, e o ramo Guarani de subtradição Corrugada” (Schmitz, 1991, p.37). Não utilizaremos esta divisão fruto da proposta de J. Brochado em caracterizar os artefatos relacionados aos Guarani em outra Tradição Arqueológica.

¹⁰ Pertence a Era Glacial, onde apareceu a maioria das espécies atuais. Corresponde ao paleolítico (Bray e Trump, 1990. p. 203).

¹¹ Período recente, é também chamada de época *post-glacial*. Todas as espécies atuais estão nela representadas. Corresponde ao neolítico. (Guerra, 1972. p. 230).

¹² Corresponde a era Cenozóica, onde ocorreu o rápido desenvolvimento dos mamíferos e o desaparecimento dos grandes répteis e dos moluscos cefalópodos (Guerra, 1972. p. 89).

nível do mar fosse recuando gradualmente. A sedimentação processou-se ao longo do litoral por força do próprio rebaixamento do planalto cristalino. Com plataforma continental de pouca profundidade foram se acumulando grandes massas sedimentares trazidas por duas correntes em sentido contrário que se acumulavam ao longo da costa rio-grandense. Outra forma de acumulação é a presença de numerosas ilhas e ilhotas na porção meridional da Laguna dos Patos: Torotama, Leonídio e a ilha dos Marinheiros com seu arquipélago. Os Guarani ocuparam estes territórios onde foram conhecidos como Arachãs (Metraux, 1928, p.35).

A terceira forma de acumulação é a formação da estreita “faixa sedimentar” existente entre águas atuais da Laguna dos Patos e sua antiga costa. O sítio localiza-se nos depósitos sedimentares costeiros, planície composta por areias, junto a Laguna dos Patos, era de ocupação paleo-solo que aflorou devido a erosão eólica.

Os sítios seguem uma tipologia topomorfológica de desenvolvimento sobre terraços (similares a colinas) em formações de dunas antigas de areias atualmente movediças¹³. É provável que os Guarani estivessem assentados em meio a um pequeno sistema de matas, que hoje não existem mais, com uma fitoecologia básica que possibilitasse a reprodução de seu sistema de plantio.

A capacidade de usos da terra deve ser de média a baixa produtividade em função da base arenosa e com níveis de desgaste bastante intensos, o que deve ter originado a constituição de estruturas familiares pequenas na composição da aldeia. Grupos menores ajustados às capacidades da área, em contraste com outras áreas Guarani, que chegam a ter casas de mais 50 metros de comprimento (Metraux, 1928, p. 51). O parâmetro locacional está portanto associado a capacidade produtiva dos

¹³ Considera-se “*atualmente*” em virtude de um pacote demonstrativo nos solos da região que indicam a antiga presença de uma mata estacional que deve ter sido destruída com a inserção do sistema produtivo ocidental com o desmatamento como básico para a produção, tanto na agricultura quanto na pecuária.

solos, tendo como pressuposto, os arranjos realizados no sistema adaptativo dos Guarani.

“A economia se baseia nos cultivos de milho, aipim, abóbora, batata doce, amendoim, feijão, cará, fumo, algodão e outras plantas tropicais, sob os cuidados das mulheres; e a caça e pesca, sob a responsabilidade dos homens. A coleta podia brindar frutos, fungos, raízes, folhas e uma quantidade apreciável de moluscos fluviais. A mata oferecia materiais para construção, cestaria, tecelagem, plumaria, armas, móveis e canoas. Barro era muito importante para a confecção de numerosos vasilhames, e pedras eram necessárias para preparação de instrumentos e armas” (Schmitz, 1991, p.34).

Para a aplicação dos sistemas de cultura, partimos de explicações teóricas de alcance médio, para implementar os aspectos de interação das estruturas¹⁴ e suas funcionalidades. Neste sentido a cultura torna-se um meio extra-somático¹⁵ de adaptação dos “organismos humanos ao ambiente físico e social” (Dias, 2000, p. 09). Assim determinamos a possibilidade de estudar os artefatos e as estruturas formais (de objetos ou de áreas de atividade¹⁶) que ajudam a compreender os sistemas culturais associados em suas relações contextuais.

“Binford (1977, 1981) también ha contribuido con su teoria de alcance medio a que existia una toma de consciencia creciente sobre la especificidad de la

¹⁴ estruturas estas compostas por objetos e por outras marcas arqueológicas deixadas pelo Guarani pré-colonial, que denotam ações desenvolvidas com base em perspectivas de organização de grupo.

¹⁵ Considerando que os atos sociais identificados no registro arqueológico estão determinados por um aspecto êmico e ético da cultura.

¹⁶ Áreas de atividade são os locais internos aos sítios onde estão demonstradas as formas de organização dos grupos compondo-se de fogueiras, estruturas de habitação, espaços abertos, lixeiras, etc..

arqueología frente a la antropología. Argumenta que la dependencia que tuvo en el pasado el conocimiento arqueológico del comportamiento humano de la inferencia más que de la observación directa, con frecuencia arroja una sombra de sospecha sobre la independencia de las observaciones y de las explicaciones y conduce a la falacia de ‘confirmar lo consecuente’.

La teoría de alcance medio de Binford ha estimulado una cantidad cada vez mayor de investigaciones etnoarqueológicas así como la manufactura y el uso de los instrumentos prehistóricos.

Un segundo problema relacionada es la relevancia de la teoría de alcance medio para las interpretaciones arqueológicas. Binford es consciente de que utilizar las regularidades que se dan en el presente para explicar el pasado implica una serie de asunciones uniformistas y sostiene que esos estudios deben estar apoyados en una argumentación. Sugiere, por ejemplo, que las características ecológicas y anatómicas de las especies todavía existentes pero que fueron ya exploradas por los seres humanos del pasado son ‘objetos perdurables para los cuales las asunciones de uniformidad deberían ofrecer sólidas arantías’ (Binford, 1981, p. 28) y expresa la esperanza de que se elaboren otras esferas a medida que progresa la investigación” (Trigger, 1992, p.336-37).

O conhecimento sobre um sítio arqueológico, apresentado pela análise do contexto¹⁷ em que este se insere, está imbricado pela idéia do assentamento¹⁸ que margeia todo o estudo do arqueólogo. Os assentamentos Guarani são há muito tempo estudados pelos arqueólogos por sua diacronia¹⁹ e pouco depurados pela sua

¹⁷ Renfrew, e Bahn, 1993, p. 44; Rouse, 1973, p. 33.

¹⁸ Rouse, 1973, p. 33; Renfrew e Bahn, 1993, p. 43.

¹⁹ Por diacronia entendemos o processo de evolução ou desenvolvimento no tempo enfatizando os diversos momentos do grupo e baseando-se no estudo de uma gama grande de sítios de referência, pensado em um tempo longo de duração.

sincronia²⁰ (como pode ser observado no Capítulo II), o que torna este trabalho inédito²¹.

A amplitude do espaço escavado no sítio de Povo Novo possibilitou identificar diferentes áreas de atividades²² demarcadas por manchas no solo e pela

²⁰ A sincronia, ou seja a perspectiva de um momento de ocupação, neste caso, um tempo curto de duração e na atuação dos indivíduos e sua organização espacial no mesmo sítio arqueológico.

²¹ Outro trabalho, mas utilizando outras fontes que não os próprios artefatos e estruturas é o de Francisco Noelli “**Sem Tekohá não há Teko.** (Em busca de um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e Sua Aplicação a uma Área de Domínio no Delta do Jacuí-RS)” Porto Alegre: PUCRS, 1993. Dissertação de mestrado.

²² Renfrew e Bahn, 1993: 178 e 182.

CAPÍTULO II

DE UMA REGIÃO PESQUISADA A UM SÍTIO ESCAVADO: Os processos de investigação arqueológica na área de evidênciação do Sítio Arqueológico Guarani identificado como RS-RG 002, localidade de Povo Novo, Rio Grande.

2.1 A Região em evidênciação arqueológica

A área de Rio Grande e proximidades, foi pesquisada por Oscar Pernigotti, Áureo Nunes de Almeida e outros, já na década de 1940 (Pernigotti e Almeida, 1961; Almeida, 1993). Prous (1992, p. 11) constata que neste período atuavam no Brasil basicamente arqueólogos amadores²² que trabalhavam de forma empírica, através de métodos indutivos, realizando suas pesquisas fruto de informações pessoais obtidas com moradores locais. Pernigotti e Almeida tinham interesse nessa região, a princípio como colecionadores e posteriormente fizeram levantamento e catalogaram os locais de coleta, com auxílio de pessoas ligadas ao Centro Excursionista Rondon, da cidade de Rio Grande.

A localização destas “*jazidas*”, como assim denominam, situa-se

“sob uma mesma e única linha de cômoros de areias que descreve um arco mais ou menos a igual distância (100 a 200 metros) da margem do Saco da Mangueira, que vai do Parque Rio-Grandense à Vieira e daí, sob a mesma linha de cômoros pela Senandes até o Bolaxa” e “bem mais ao sul, a uma distância de 50 quilômetros do Cassino” (Pernigotti e Almeida, 1961, p.5).

A descrição que Pernigotti e Almeida fazem em relação aos depósitos arqueológicos é que tinham quase todos o mesmo aspecto, qual seja:

(...) “Contrastando com a planura, elevam-se grandes cômoros de areia com 10 a 30 metros de altura, cobertos por vegetação xerófila e espinheiros que

fixam o solo(...). Sob a ação de fatores erosivos ocorrem desmoronamentos que deixam à mostra uma faixa de terra negra, de espessura variável (10 a 50 centímetros), horizontal, que está em um nível de 2 a 3 metros acima dos terrenos circunjacentes. Dessa camada de terra preta, libertados pela erosão, desprendem-se carapaças de moluscos, ossos de peixes, de aves e de mamíferos e fragmentos de cerâmica que permanecem semeados sobre a areia” (1961, p.4).

As pesquisas foram realizadas retirando toda a areia que cobria a camada de terra preta, evidenciando em sua parte superior abundância de fragmentos de cerâmica e vestígios de peixes, moluscos e mais raramente, de aves e mamíferos. Escavando a camada preta constataram que, os dois terços inferiores desta eram praticamente destituídas de material arqueológico e que se apresentavam “*como uma plataforma com os bordos ligeiramente mais baixos, provavelmente devido à erosão*” (Pernigotti e Almeida, 1961, p. 5).

Nestas pesquisas foram encontrados treze sítios arqueológicos, sendo que em todos foram coletados fragmentos de cerâmica e muito pouco material lítico. A relação dos sítios será descrita abaixo.

Tapera dos Negreiros, situado nos limites dos municípios de Rio Grande e Santa Vitória do Palmar, entre a Lagoa Mangueira e o mar; o material encontrado foi cerâmica, instrumentos líticos, pregos de cobre e fragmentos de lança de origem européia.

O Caçapava, situado a 3.500m da costa do mar e a 1.500m da estância Caçapava, foram encontrados materiais cerâmico, moluscos, alguns fragmentos de louça e pregos de cobre.

O Grupo do Bolaxa está situado ao longo do corredor que liga o Bolaxa à Barra onde foram encontrados quatro sítios: o Depósito das Areias estava situado na

Vila Minuano, a aproximadamente 300m do corredor e a 5km do oceano no qual coletaram fragmentos de cerâmica lisa e com impressões dígito-polegares²² de confecção tosca, contendo areia grossa e pequena espessura e carapaças de moluscos. No Arco do Triunfo, situado aproximadamente a 400m ao norte do anterior e a 600m do corredor da Barra, foram recolhidos fragmentos lisos e com impressão dígito-polegares, de pequena espessura e cerâmica com impressões unguiculares²² mais espessas; moluscos e ossos de peixe parcialmente carbonizados. No Morro Grande, situado a aproximadamente 500m ao norte do corredor da Barra, foram recolhidos fragmentos de cerâmica lisa, com impressão dígito-polegares e impressões unguiculares com espessura maior que 1cm. O quarto sítio do Grupo do Bolaxa, denominado de Casa Abandonada, situa-se na Granja do Americano, numa faixa de 30m a 50m distante do corredor da Barra, encontramos fragmentos de cerâmica, sendo um pintado de vermelho sobre branco, moluscos, peixes, ave e um maxilar de ruminante (cervídeo). No sítio Eucaliptos que está localizado na margem norte da Lagoa Verde no terreno da Cia. Leal Santos, foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica que denominam de confecção tosca.

O sítio Vieira está localizado próximo à estação da Viação Férrea, a uns 100m da estrada Rio Grande – Cassino e a 60m ao norte do arroio Vieira. Neste foram encontrados fragmentos cerâmicos dígito-polegares, impressões unguiculares e um fragmento pintado de vermelho sobre branco; no ano de 1959 foi quase totalmente destruído para aterro de estrada.

No Rampa do Vitorino, localizado entre o Vieira e a Junção, foi encontrado um fragmento de cerâmica pintada de vermelho interno e um quebra-coquinho.

No sítio denominado Junção, que estava localizado no terreno da torre do Telégrafo Nacional e praticamente destruído, foram coletadas cerâmicas lisa e dígito-polegares.

No sítio da Hidráulica, situado no Campo da Hidráulica, foram encontrados dois sítios, o da Hidráulica Um (ou do Parque) localizava-se a 200m do Pórtico da cidade e a 50m da via férrea para dentro dos terrenos da Hidráulica. Nele foi coletado um cachimbo de gesso, vários cachimbos de barro vermelho, fragmentos de cerâmicas dígito-polegares e unguiculares, ossos de aves e peixes queimados, valvas de moluscos palustres e marinhos e ossos de miraguaia. No sítio Hidráulica Dois a 300m ao noroeste foi encontrado enorme quantidade de louça antiga portuguesa, vidro, tijolos rejuntados com argamassa de conchas, pedaços de cerâmicas dígito-polegares e restos de cachimbo.

No sítio denominado de Bosque, por situar-se no Bosque Silveira, foram recolhidos fragmentos de cerâmica lisa e dígito-polegares e estava quase que completamente destruído.

Outro tipo de evidências que encontraram foi

“uma elevação, de mais ou menos três metros de altura, com diâmetro na base de 20 a 50 metros. É uma formação maciça de carapaças de moluscos, encontrando-se em diversas profundidades fragmentos de cerâmica, machados de pedra, ossos calcinados, etc.” (Pernigotti e Almeida, 1961, p. 13).

Foram visitadas três destas formações, em 1961, que se situavam na Barra Falsa próximo a Povo Novo. Estas formações são os cerritos que na época encontravam-se conservados, hoje eles estão praticamente destruídos em função da utilização da terra para o plantio.

As conclusões que Almeida e Pernigotti chegaram com estas pesquisas foi que a formação destes depósitos arqueológicos ocorreu entre os séculos XIII ou XIV

e XVIII, e que sua formação recente estaria no fato de a cerâmica indígena estar associada com objetos de procedência européia, como ocorre na Tapera dos Negreiros. Outras é que estes indivíduos que habitaram a região não seriam outros do que os encontrados pelos primeiros exploradores europeus, índios dos grupos tupi-guarani e gê. Descrevem que apesar de encontrarem cerâmica tosca, lisa e mal acabada que levem a pensar serem do grupo cultural gê a coleta de material de origem guarani os deixa em dúvida, colocando que poderiam os do grupo gê ter mantido algum intercâmbio com os grupos tupi-guarani. Outras conclusões vêm da permanência ou não da ocupação nessa região por tribos indígenas. Eles colocam que a inexistência de cemitérios e a pequena quantidade de material lítico encontrado, os levam a crer que estas áreas litorâneas seriam habitadas somente durante os meses mais quentes do ano para pesca e coleta de mariscos. Com a aproximação do inverno, retiravam-se para o interior, serra dos Tapes, Canguçu, etc. Pernigotti e Almeida resumem as suas conclusões colocando que estes depósitos arqueológicos podem ser de formação recente devido à localização de acampamentos provisórios de aborígenes que habitavam as regiões serranas do interior, por ocasião da primeira colonização européia.

No final da década de 1960, José Proenza Brochado e Pedro Ignácio Schmitz localizaram sítios com material cerâmico entre e sobre dunas, atribuídos a Tradição Tupiguarani e sítios incluídos na Tradição Vieira (Naue et alii, 1968, 1971; Schmitz, 1976).

Prous coloca que a partir de 1965 iniciava-se uma arqueologia mais científica no Brasil fruto da instalação do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), no qual inseria-se o Instituto Anchieta de Pesquisas de São Leopoldo (Prous, 1992, p.16).

Em 1968 G. Naue

“e companheiros do Colégio São Francisco, de Rio Grande, estudaram ou visitaram 40 sítios, entre aterros, dunas ocupadas e sítios Tupiguarani, inclusive alguns já visitados em 1966 (...), entre abril e maio de 1972 G. Naue realizou cortes estratigráficos no RS-RG-01 (cerritos 1, 4, 5, 6) e no RS-RG-02, além de coletas sistemáticas” (Schmitz, 1976, p.48-9).

Este trabalho gerou a primeira coleção importante da região que foi associada ao sítio que deu origem a esta dissertação. Os resultados destes trabalhos foram publicados na época (Naue et al, 1968, 1971; Schmitz, 1976) gerando o primeiro quadro ocupacional da área em estudo.

Neste trabalho os pesquisadores classificam os sítios em quatro categorias: os da Tradição Vieira, correspondendo aos cerritos ou aterros de áreas alagadiças; os da Tradição Tupiguarani; os que aparecem misturados com material da fase Vieira e tradição Tupiguarani e os que têm material indígena e europeu.

Os sítios da Tradição Vieira, encontrados em áreas alagadiças, são cômodos mais ou menos extensos e relativamente baixos contendo estratos de peixes e restos de caranguejos. Nestes sítios coletaram cerâmica, pedras com facetas polidas convexas, pedras com covinhas (quebra-coquinhos), fragmentos de implementos, raros machados, polidores, pesos de rede, raspadores, e que nos sítios puros não aparecem bolas de boleadeira, pontas de flecha, afiadores, batedores, *chopper* e *chopping-tool*, pequenos bifaces, polidores manuais de arenito e lascas.

O Sítio 1, da fase Vieira, está situado no Povo Novo, na Fazenda da Sucessão Soares e corresponde a um conjunto de 17 cerritos, com alturas que variavam entre 50 e 150cm, com diâmetros entre 10 e 60m, estendendo-se paralelos ao banhado. Fizeram prospecções em três deles, medindo 100x100x75cm; 50x50x60cm; 60x60x90cm e 150x100x50cm e coletas superficiais. No sítio 12 a, situado no Capão

Seco, na fazenda de Edmar Mendes da Costa, foi feita prospecção de 50x50x60cm. Situados no Arraial de Fora, na propriedade de José dos Santos Figueiredo, existem dois sítios, Sítio 14 e Sítio 27, onde foram realizadas coletas superficiais sistemáticas e totais; e na propriedade de Sucessão José Antunes encontra-se o Sítio 28, onde foi realizada coleta superficial. O Sítio 20, situado na Barra Falsa, na fazenda de José Aníbal Abreu, foram realizadas três prospecções. Os sítios situados na Quitéria, somam cinco: Sítio 4, na propriedade de Pedro Ferreira; o Sítio 3 a, na propriedade de Lacides Antunes Gonçalves; Sítios 40 e 41, na fazenda de Dona Negrinha; e Sítio 42 na chácara de Jacy Luiz Teixeira, em todos foram realizadas coletas superficiais sistemáticas. O Sítio Jacinto Inácio 46 a, situado em Jacinto Inácio, município de São José do Norte, foi realizada coleta superficial. Na Quinta foram localizados três sítios, o Sítio 73, situado nos Carreiros e os Sítios 25 e 26 na localidade de Paulista, onde foram realizadas coletas superficiais sistemáticas. No Sítio 13, situado no Taim, na fazenda de Roger Llopart, também foi realizada coleta superficial sistemática, totalizando 16 sítios da fase Vieira.

Os sítios da Tradição Guarani, caracterizam-se pela cerâmica e se diferem da fase Vieira pelos afiadores e polidores manuais de arenito, os batedores, os *choppers*, *chopping-tools* e também pela escassez do material lítico. Dois deles situam-se em Povo Novo, na fazenda de Secessão Soares, o Sítio 2 a e o Sítio 2 c, onde foram realizadas coletas superficiais totais. No Sítio 36 situado em Povo Novo, na fazenda de José Lerchmann, foi realizada coleta total. No Sítio 12 b, situado no Capão Seco, Povo Novo, na fazenda de Edmar Mendes da Costa, foi realizada prospecção de 50x50x60cm. No Sítio 35, situado no Pesqueiro, Povo Novo, na fazenda de Álvaro Bastos e Sítio 30 situado na Quinta, localidade de Souzas, na fazenda Floriano Fonseca, foram realizadas coletas superficiais sistemáticas.

Os sítios com cerâmica da Tradição Vieira e da Tradição Guarani, são sítios em que os materiais aparecem misturados superficialmente, na maior parte são cerritos com material guarani na superfície, não encontrando material guarani dentro dos cerritos indicando serem posteriores ou simultâneos à cultura dos cerritos. Foram encontrados 19 sítios com estas características: Sítio 3 b-g, situado na Quitéria, fazenda de Lacides Antunes Gonçalves; Sítio 8 situado no Arraial de Fora na chácara de José dos Santos Figueiredo; dois sítios no Arraial de Dentro, Sítio 9 na chácara de João Branco Faria e Sítio 10 na propriedade de Pedro Barros; o Sítio 21 situado na Barra Falsa, na chácara de Ulisses Miranda; Sítio das Capivaras 45, situado nas Capivaras, município de São José do Norte; Sítio 15 situado na localidade de Vieira, na propriedade da família Zogbi; Sítio 33 na localidade de Vieira propriedade de Álvaro Silva e Antônio Cruz; Sítio 31 e sítio 29 situados em Souza, Quinta, fazenda de Floriano Fonseca; Sítio do Chasqueiro 48 situado na margem esquerda do Arroio Chasqueiro, no município de Arroio Grande; Sítio 11 na Lagoa do Cuiabá, na fazenda de Denis Lauwson; Sítio Arroio Inhamé 47, situado na localidade de Ponta Rasa, município de São José do Norte; Sítio Domingues Petrolina 44, situado próximo da localidade de Domingos Petrolina, à direita da faixa Rio Grande – Pelotas. Nestes 14 sítios foram realizadas coletas superficiais e nos sítios 34, situado no Pesqueiro, na granja de Álvaro Bastos, Sítio 43, na Ilha da Torotama, na propriedade de Rosalvo Costa e Sítio 39, na Ilha do Leonídio, na chácara de Justiniano Nunes, foram realizadas prospecções variando de 50 a 70cm com profundidades de 45 a 65cm e coletas superficiais. No Sítio Fazenda Terra 17, situado no distrito de Taim, na Fazenda Terra o material foi coletado pelo filho do proprietário e não foi visitado.

Os sítios com material europeu, são sítios erodidos entre dunas, e apresentam cerâmica vidrada amarela, porcelana, cerâmica escura, vidro de garrafa, objetos de metal incluindo moedas, balas de chumbo e botões, tijolos, cachimbos de tipo europeu. Também foram encontradas pedras com facetas polidas convexas, pedras com covinhas, lascas abundantes, fragmentos de implementos, batedores, polidores manuais de arenito, outros implementos que não aparecem em todos os sítios são os afiadores em arenito ou cerâmica, machados, *chopper* ou *chopping-tool*, lascas retocadas, pequenos bifaces de forma quadrangular ou retangular, pequenos bifaces amidalóides, pequenos bifaces quebrados, furadores, raspadores, lascas com pontas simples ou em entalhes. Em quase todos os sítios encontraram bolas de boleadeira. Em vários sítios aparecem fragmentos de rochas, seixos, núcleos para preparação de implementos e nos sítios que apresentam pontas de flecha aparecem muitos materiais lascado e muito material lítico.

Os sítios com material europeu são sete: Sítios 6 e 7, situados no Palmar, na fazenda Glicério Pires; Sítio 32, situado na Quinta, na fazenda de Marcelino do Amaral Branco; Sítio 38, situado no Taim, na fazenda de Roger Llopart; Sítio 24, situado nas areias da Barra Falsa, na propriedade de Levy Magalhães; Sítio 23 situado a 800m do 24, nas areias da Barra Falsa na propriedade de Valpério Mendes Borges e o Sítio 22 situado a 100m do 23 nas areias da Barra Falsa, na mesma propriedade. Em todos foi feita coleta superficial sistemática.

As conclusões deste trabalho de pesquisa são:

“Os sítios mais antigos são os da fase Vieira, representados por cerritos, com uma economia de pesca, coleta e caça. Os tupi-guaranis das áreas próximas acamparam na mesma área, deixando pequenos sítios erodidos com pouco material. Os construtores de cerritos estiveram em contato com êstes tupi-guaranis, seus

contemporâneos e vizinhos, recebendo elementos de sua cultura, o que explicaria a associação dos mesmos materiais na superfície e camadas superiores dos cerritos; (...) Os sítios de contato com os europeus são mais difíceis de explicar. Em alguns sítios se registrou apenas cerâmica Vieira ao lado da cerâmica européia; em outros existe cerâmica Vieira, tupi-guarani e européia; a cerâmica Vieira está sempre presente, o que parece sugerir que o grupo aculturado seja de tradição Vieira; (...) Desta forma nos parece que devemos admitir serem sítios de grupos locais aculturados, o que em outras palavras indicaria que se trata de aldeamentos ou acampamentos charrua (em sentido lato) em contato maior ou menor com o português. Esta suposição deixa entretanto uma série de pontos obscuros, entre os quais um dos mais importantes é a localização das 200 famílias de índios (tupis?) trazidos de São Paulo para colaborarem na construção e defesa do forte que deu origem à cidade de Rio Grande” (Naue et al. 1971, p. 110).

A partir de 1991 foram retomadas as atividades de análise do material arqueológico já depositado em laboratório, proveniente de pesquisas anteriores²². Esta pesquisa fez parte do projeto: “Os Construtores dos aterros na pré-história do RS: Uma revisão das evidências” tendo como coordenadores Prof. Dr. Klaus Hilbert, Prof. Dr. José Proenza Brochado e Prof. Esp. Guilherme Naue.

Os objetivos eram efetuar a análise técnico-tipológica do material coletado, bem como o estudo da composição, preparação e queima da pasta das vasilhas de cerâmica e morfologia através da reconstituição das vasilhas. Neste trabalho foram efetuadas análise em cinco sítios de aterros, com cerâmica da Tradição Vieira (fase Torotama e fase Vieira), cinco sítios Guarani e dois sítios de contato com os europeus, onde aparecem material Vieira, Guarani e europeu.

Nestas análises constatou-se que as formas das vasilhas da Tradição Vieira são mais simples assim como o seu tratamento de superfície que aparecem externamente alisados, polidos, digitados irregulares, escovados e ungulados e internamente sempre alisados. As vasilhas da Tradição Guarani são mais elaboradas e no seu tratamento de superfície aparecem vários tipos de corrugações, alisados, ungulados, digitados, roletados, engobados e várias formas de pinturas, como linhas vermelhas sobre branco, linhas pretas sobre branco, linhas vermelhas sobre a argila natural, pintados de vermelho, pintados de branco e às vezes na borda e nas partes internas aparecem alisadas, engobos e também pintadas. Nos sítios com cerâmica européia as diferenças estão no material cerâmico vidrado de amarelo, laranja, verde claro e escuro, porcelanas, cerâmicas escuras feitas em torno, algumas apresentando bases pedestais e com formas européias.

Paralelo a isto, procurou-se fazer outras escavações na região e, assim, a partir da autorização do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (atual IPHAN) conforme portaria nº 40 de 12/02/1992, publicada no Diário Oficial em 14/02/92, foram realizadas de 11 a 30 de janeiro de 1993, novas pesquisas de campo e escavação arqueológica cujo resultado estou agora apresentando.

Nesta oportunidade foi realizados o II Sítio-Escola Internacional de Arqueologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com o objetivo de dinamizar a formação de futuros profissionais, através da aprendizagem de técnicas em arqueologia de campo²².

2.2 A Escavação em área ampla do Sítio RS 002.

O trabalho de campo está assegurado em um modelo de pensamento estruturado em teoria a qual deve garantir as formas de recuperação dos vestígios e viabilizar a sua interpretação. O trabalho está em muito determinado por uma boa

equipe de campo o que caracteriza-se também por uma boa coordenação dos trabalhos²².

“Nenhum livro pode ensinar o hábil movimento de uma raspadeira, que, nas mãos de um escavador experiente, sente que uma mudança na natureza do solo anuncia o próximo início de uma nova camada” (Celoria, 1975, p.136).

Não é fácil demonstrar as técnicas de escavação, mas é importante reconhecer que uma metodologia que não privilegie as camadas em detrimento de sua sincronia interna é salutar para o trabalho arqueológico. A metodologia de campo *“é escolhida de acordo com as necessidades da pesquisa, e também vai ser utilizada para a etapa posterior, quando o material encontrado é classificado”* (Morley, 1992, item 8, s/pág.)

“Nenhum manual pode descrever adequadamente as técnicas pelas quais cada pormenor das camadas é interpretado e registrado. É mais importante registrar a disposição de uma camada e os indícios de como ela se formou do que descrever seu colorido com pormenores artísticos” (Celoria, 1975, p.137)

Segundo S. Laet (1976, p.26)

“Como cada escavação significa a destruição, pelo menos parcial, do local escavado, uma vez que para atingir os níveis inferiores é preciso retirar os níveis superiores, e como os objectos recolhidos são automaticamente isolados do seu contexto, é absolutamente necessário registrar muito cuidadosamente (por meio de apontamentos escritos, desenhos a escala muito precisa de planos e de cortes, fotografias, registro de impressões [...]), pelo método dito 'das coordenadas cartesianas', a posição tridimensional de cada vestígio, de cada objeto, do mínimo traço e da sua relação com os diferentes níveis geológicos e arqueológicos”.

O local escolhido para a intervenção arqueológica foi o sítio localizado nas dependências da Fazenda Soares, no município de Rio Grande - RS. Encontra-se nos depósitos sedimentares da planície costeira, próximo à Laguna dos Patos.

Para investigação dos vestígios arqueológicos do sítio pesquisado foram efetuadas coletas superficiais sistemáticas, poços testes, uma escavação em área ampla e uma trincheira com dez metros de extensão por um metro de largura.

Para implementação da técnica de campo inicialmente foi estabelecida uma malha de quadriculamento, com quadrículas de 1 x 1 metro em toda a área a ser pesquisada, chegando a um total de 2500m². Posteriormente foram realizadas coletas superficiais sistemáticas em 650m²²². Considerou-se a camada superficial como sendo a dos primeiros 5 cm. Este nível superficial é representado pela areia solta e móvel, que sofre movimentação eólica que caracterizam as dunas da área. Para recuperar o máximo dos vestígios o solo solto (5cm) foi peneirado. Foram realizadas 10 sondagens de um metro de lado, que possibilitaram o reconhecimento das condições estratigráficas da área.

A localização dos poços testes foi feita de maneira a cobrir os vários nichos de vegetação identificados na área demarcada²² (50X50m). Nesta área existiam no momento da instalação da malha locais com exígua quantidade de vegetação marcadamente compostas por areias brancas soltas repletas de material arqueológico, outras áreas cobertas por gramínea e outra área coberta com uma vegetação arbórea de baixo porte comumente chamada de capões de mato. Estes aprofundamentos de um metro de lado confirmam a formação estratigráfica por ação antrópica nas áreas que apresentavam as areias soltas. Assim foram feitas mais sondagens exploratórias nesta área do que nas outras com gramíneas e com árvores de baixo porte.

Com o desenvolvimento das escavações, principalmente nessa área, de vegetação quase inexistente, e para confirmar os dados fornecidos pelas sondagens a área de vegetação rasteira (gramíneas) foram mais amplamente investigadas através de uma trincheira com 10 metros de extensão e 1 metro de largura, foi aprofundada

até 160cm. Ao final desta escavação confirmou-se a impressão inicial de que não havia vestígios significativos de deposição fora do areal.

Em 300m² do total da malha definida foi feita uma escavação por decapagem, em níveis artificiais, de 5cm de profundidade. Nesta área foi priorizado o local de maior concentração de material, considerando estes os vestígios cerâmicos e as manchas escurecidas do solo (como demonstrado no croqui da área, vide anexo 4).

O controle geral da escavação era feito a partir da atividade de cada escavador, em uma quadrícula, tendo como referência geral um ponto zero de medida de profundidade, o qual localizava-se na região mais alta da área de escavação, este ponto foi depois relacionado com um ponto fixo no terreno, a base da edificação mais próxima que era o galpão da fazenda²². A partir do ponto zero foi demarcado o nível inicial de escavação²² e deste, retirado o solo, de maneira controlada em cinco centímetros, com plotagem total das evidências por coordenadas cartesianas (manchas, cerâmicas, líticos, raízes, e outros). O solo era peneirado e os vestígios identificados e reunidos por níveis em embalagens apropriadas. Em muitos casos deixavam-se em pedestal os vestígios ou aprofundavam-se os níveis de ocupação no sentido de identificar sua penetração no solo arqueológico. As variações das manchas no solo foram desenhadas em planilhas específicas no sentido de identificar as possíveis alterações antrópicas e caracterizar os espaços por atividade. Esta definição era possível em função dos terrenos estéreis serem cobertos principalmente por areias brancas e mais profundamente por areias amarelas e durante a escavação serem identificadas manchas com tonalidades mais escuras, além dos vestígios cerâmicos.

O reconhecimento de estacas em muitos casos foi possível em função de aprofundamento lateral das estruturas, identificadas como manchas arredondadas na sincronia, com seccionamento das mesmas e escavação de parte dela identificando

sua forma muitas vezes cônica de inserção no solo mais claro²². Outras manchas e mesmo fogueiras foram trabalhadas individualmente no sentido de recuperar a maior quantidade de informações sobre as mesmas.

Os carvões passíveis de serem datados pelo método do Carbono 14 eram coletados (após plotagem) em embalagens especiais, bem identificados e acondicionados de forma a mantê-los sem contaminação. Os artefatos líticos eram de pequeno porte e em sua maioria foram identificados *in situ*²².

A metodologia de escavação propiciou um conhecimento amplo das estruturas e áreas de atividade do sítio. Neste trabalho é possível verificar uma integração de métodos onde a percepção das estratigrafias por poços testes possibilitam um desvendar de níveis de ocupação estabelecidos pela dispersão cronológica dos artefatos e análises sincrônicas. O trabalho em superfície ampla de análise sincrônica possibilitou um conhecimento sobre o contexto deste sítio, considerando que um contexto arqueológico pode representar um grande tempo de permanência das estruturas. Sabemos que o sedentarismo Guarani é delimitado pela possibilidade de permanência no esgotamento produtivo de uma área, tendo como base de referência à forma de ser Guarani (Brochado, 1989, p. 80, Noelli, 1993, p. 22), o que não poderá jamais ser confundido com o pensamento ocidental de esgotamento de área produtiva. O estudo de tais permanências só será possível com uma maior quantidade de sítios escavados com esta metodologia e com esta mesma preocupação.

CAPÍTULO III

A CONSTRUÇÃO DA TERMINOLÓGICA:

Descrição dos trabalhos executados em laboratório

Segundo Tocchetto (1998, p.152) a cultura material

“é a exteriorização material de idéias, conceitos, padrões de comportamento. Ao mesmo tempo que é produto de formas de específicas de organização, ela é valor das relações sociais, dando condições que se produzam e efetivem tais relações. Neste sentido, a cultura material pode vir expressar a identidade étnica, no momento em que decodifica o estilo de vida de uma sociedade; identifica, numa linguagem visual, o indivíduo e o grupo”.

Considera-se importante salientar que a forma de apropriação dos grupos Guarani de seus conceitos ou idéias sobre o mundo que os cercava, pode ser determinada por ações de persistência cultural e neste sentido pode ser quantificada e qualificada por uma análise que se proponha a tanto.

As bases de procedimento de laboratório são praticamente as mesmas para qualquer trabalho de arqueologia, mas diversificada na organização dos pensamentos oriundos desta, em virtude desta análise buscar determinar como estes grupos ordenavam seus espaços e por conseguinte, como isto ficou registrado no sítio arqueológico.

Os materiais cerâmicos e líticos foram lavados cuidadosamente com água em abundância e escovas de cerdas macias para não haver destruição de elementos importantes para a análise. O restante do material, ósseo, conchífero e férreo, passou apenas por um processo de limpeza com espátulas e escovas de cerdas macias para não se perder elementos próprios e cuidar para não ocorrer à deterioração dos

mesmos, posteriormente eram colocados para secar em prateleiras de telas de metal próprias para este fim.

Todos os materiais limpos, secos, numerados e embalados foram posteriormente analisados. As embalagens continham os dados de procedência desse material, sendo estes: II Sítio Escola Internacional - Fazenda Soares, a quadrícula de onde foi coletado, número individual (para que não se perdesse o local proveniente do fragmento), nível, data da coleta e nome do coletor. Foi constituída posteriormente uma listagem geral por quadrículas, níveis artificiais e números individuais, para a realização da numeração das peças, individualmente, referindo-se a posição e nível que foi plotado durante a escavação²².

O material cerâmico, que é em maior quantidade, foi analisado por tratamento de superfície e tipo de inclusões contidas na argila – antiplástico – (conforme definições em metodologia de laboratório). Os demais materiais, orgânicos e líticos, somente foram catalogados e numerados, devido a sua pouca representatividade, e quantidade em relação ao material cerâmico.

Foram realizados os desenhos dos perfis de bordas e reconstituição gráfica das vasilhas cerâmicas através das bordas mais significativas existentes no sítio.

3.1 Metodologia de laboratório

Foram encontrados durante as escavações na localidade da Fazenda Soares, Povo Novo - RS, 13.395 objetos arqueológicos, sendo estes de fragmentos cerâmica, líticos, ósseos, carvões, fragmentos férreos e de louça. O material cerâmico totalizou 12.675 fragmentos. Destes, 5214 fragmentos são corrugados, 4573 fragmentos lisos, 1715 pintados e 1091 ungulados²².

A análise laboratorial tratou de dois vetores metodológicos: o uso de processos quantitativos e qualitativos. Podemos considerar os processos quantitativos

as análises de variabilidade de tratamentos da superfície e a determinação dos antiplásticos. As análises qualitativas foram feitas no sentido de determinar as funções pela forma conforme levantamento realizado por La Salvia e Brochado (1989); Brochado, Monticelli e Neumann (1990).

Segundo Chmyz (1966, p.20) antiplástico ou tempero é

“Matéria introduzida, intencionalmente ou não, na pasta para conseguir condições técnicas propícias à uma boa secagem e cocção, como cacos triturados, areia fina, quartzo, conchas, cauxi, cariapé, ossos, etc.”

Esta denominação para o antiplástico, onde todas as inclusões aparentes na pasta como o elemento que pode ser adicionado ou mesmo pré-existir dentro da argila, é questionada, mas depois de várias pesquisas com materiais cerâmicos podemos assegurar que este existe como tal. O antiplástico geralmente é acrescido à argila para diminuir sua plasticidade e para evitar que a vasilha fragmente durante o cozimento. Às vezes pode ser confundido com o material pertencente ao tipo de argila, principalmente se a técnica de preparação e amassamento forem bem feitas.

No andamento do trabalho, o material cerâmico foi separado em antiplástico grosso e antiplástico fino²².

- Antiplástico fino contém areia com granulação de quartzo de menos de 0,5mm (na lista de referência para análise quantitativa este aparece com a denominação de *Areia*);

- Antiplástico grosso contém restos de cacos de cerâmica triturados e areia com quartzo, ambos de até 2mm (na lista de referência para análise quantitativa este aparece com a denominação de *Caco*).

Após a análise quantitativa do antiplástico, verificamos o tratamento de superfície que é o trabalho aplicado às superfícies interna e externa dos recipientes cerâmicos.

Segundo Chmyz (1966, p.20) tratamento de superfície é o “processo de acabamento das superfícies” da cerâmica, o qual nos serve para analisar quantitativa e qualitativamente os fragmentos cerâmicos.

Os tratamentos apresentados pelas superfícies das vasilhas de cerâmica são costumeiramente divididos em plásticos, alisados (ou simples) e pintados.

O tratamento plástico é aquele que resulta da modificação tridimensional da superfície da parede de uma vasilha enquanto a pasta ainda está moldável e é sempre executado antes da queima. O uso de instrumentos distintos irá dar diferentes formas de impressão. Igualmente, as maneiras de utilizar um mesmo instrumento propiciarão uma apresentação diversa nas superfícies. Estas formas distintas de aplicação determinam a variação e assim, através da impressão, terá graus de intensidade. Este tratamento, como produz uma superfície desigual, com raras exceções, só é executado no exterior da vasilha (La Salvia & Brochado, 1989, p.30).

Como o tratamento plástico é uma seqüência de expressões, apresentamos a seguir os tipos com suas respectivas expressões (Chmyz, 1966; La Salvia & Brochado, 1989; Monticelli, 1995; Tocchetto, 1998).

O tratamento alisado, como o nome indica, se refere ao alisamento da parede, enquanto a pasta antes da queima ainda está moldável. Pode ser realizado tanto no exterior como no interior da vasilha. Em quase todas as vasilhas de todas as culturas do mundo, o interior é alisado.

O tratamento pintado é executado geralmente sobre uma superfície previamente alisada e resulta da aplicação de pigmentos dissolvidos em algum tipo de veículo líquido. A pintura tanto pode ser executada antes da queima como depois desta e pode ser realizada tanto no exterior como no interior da vasilha.

Durante algum tempo, no Brasil, se denominavam de decorativos todos os tratamentos da superfície tanto plásticos como pintados, excetuando-se desta interpretação somente o alisado. Estabeleceu-se mesmo uma oposição entre a cerâmica dita simples ou alisada e a cerâmica decorada que podia ser plástica ou pintada. Esta divisão servia de base para interpretações do tipo social, como por exemplo, afirmar que uma cultura em que predominava a técnica do alisamento, decorava sua cerâmica menos do que outra, onde preponderava a técnica do corrugado. Agora pensamos que os tratamentos plásticos nem sempre tem por finalidade a decoração, como se pensava antes, mas muitos deles resultam da própria técnica de produção da cerâmica (La Salvia & Brochado, 1989).

No presente caso, o estudo do tratamento das superfícies das vasilhas (quase sempre fragmentadas) partiu da sua interpretação como resultado de atividades ou operações que podem ser produtivas; neste caso se relacionando a própria técnica de construção da vasilha; ou então decorativas. Não é fácil estabelecer o significado decorativo para culturas muito diferentes da nossa, mas aqui denominamos decorativas todas as técnicas de acabamento da superfície que foram executadas depois da vasilha acabada e que não influiriam na sua estrutura. Pelo contrário, as atividades produtivas seriam aquelas necessárias para a construção da vasilha. Isso não impede que os resultados das atividades produtivas fossem vistos pelos Guarani como tendo um valor decorativo.

As técnicas de acabamento são complementares das ações praticadas pela ceramista durante o processo produtivo e todos os tipos de acabamento, tanto interno como externo, têm uma finalidade, têm uma razão de ser, não são aleatórios, criados exclusivamente pela vontade própria da ceramista, mas dependem da finalidade para a qual está sendo produzida a vasilha.

Tratamentos de superfície produtivos, neste sítio, são os corrugados e os alisados, enquanto os decorativos são os unglados e o pintado.

A classificação pelo tratamento de superfície foi executada de forma extrínseca, uma vez que não se conhece realmente a classificação cognitiva utilizada pelas ceramistas (Tocchetto, 1998, p.158). No entanto, do nosso ponto de vista, a maior parte das técnicas de tratamento da superfície que implicam na formação de relevos, principalmente aquelas relacionadas ao que descrevemos como corrugações, resultam da própria técnica de construção das vasilhas Guarani. Como muitos outros indígenas da América e ceramistas neolíticos do mundo todo, os Guarani construíam suas vasilhas por meio de roletes de pasta de argila enrolados em espiral, desde o fundo até a abertura superior. Nesta técnica os roletes são sobrepostos, de baixo para cima, de maneira circular ou elicoidal (espiralada) para construir as paredes das vasilhas. As referidas técnicas de tratamento da superfície resultariam então, da maneira pela qual foi efetuada a união dos roletes sobrepostos.

Todos os pintados foram executados sobre o alisado. Os traços pintados podem ter sido executados diretamente sobre o alisado, mas geralmente foram traçados sobre um fundo (engobo) de cor diferente²².

Todos os tratamentos de superfície descritos abaixo, podem ser encontrados ilustrados em La Salvia e Brochado (1989).

Os tratamentos da superfície plásticos podem ser visualizados como uma seqüência de expressões. Expressão é o elemento unitário que compõe um tratamento da superfície plástica. A repetição da expressão e os seus arranjos e combinações sobre uma superfície formam um padrão. Apresentamos a seguir os tipos que utilizamos na classificação com suas respectivas expressões.

Modos Produtivos²²:

- Corrugado

Segundo Chmyz (1966) existiriam dois tipos de corrugado, o complicado e o simples.

“Corrugado complicado (Complicated corrugated)-
Decoração em que, depois da colocação de cada roleta, êste é ligado ao anterior por meio de pressões mais ou menos regulares, espaçadas, executadas com as pontas dos dedos, em sentido perpendicular ou transversal ao vaso; técnica esta que, em certos casos, permite ver a união dos roletes entre as impressões dos dedos ou outro instrumento

Corrugado Simples (Simple Corrugated) - Tipo de decoração, constituída por sulcos paralelos, originados pela falta proposital de alisamento externo dos roletes que formam o vaso” (p.12).

Em comum acordo com os orientadores da análise (Klaus Hilbert e J.P. Brochado), neste trabalho não foram feitas tais diferenciações, nem as propostas por La Salvia e Brochado (1989). Acreditamos que estas diferenças não implicariam em uma determinante no conjunto total da amostra. Foram considerados em conjunto todos os corrugados e assim as funcionalidades assimiladas em conjuntos maiores. Os processos constitutivos das formas das cerâmicas não variaram em relação aos possíveis tipos de corrugado.

A parede da vasilha resultante desta técnica de construção apresenta então uma superfície ondulada horizontalmente, representando corrugações como as de uma telha de zinco, e foi esta característica que deu origem ao termo pelo qual esta técnica é conhecida: corrugado. Na pré-história do Velho Mundo e da maior parte da América o termo corrugado se refere geralmente a estas ondulações horizontais, que na nossa tipologia são características dos tipos roletado e corrugado simples. Na arqueologia Guarani este tipo de corrugação é bastante raro.

O Corrugado, tem como expressão à dobra. No corrugado os roletes sobrepostos foram aderidos uns aos outros exteriormente por pressões dos dedos

executadas perpendicularmente ao plano dos roletes, as quais deslocaram verticalmente parte da argila do rolete superior sobre o inferior. Interiormente as marcas das uniões dos roletes foram inteiramente obliteradas por alisamento ou raspagem, resultando uma superfície lisa.

- Alisado

É a eliminação das rugosidades da superfície por meio de um aplanamento que deixa a superfície completamente lisa. Pelo alisamento as marcas deixadas pelas junções dos roletes de pasta foram definitivamente obliteradas. O instrumento utilizado pode ter sido simplesmente a mão umedecida, pano, couro, seixo ou sementes e cápsulas vegetais. Montoya (1876) indica que as vasilhas Guarani eram alisadas com sementes grandes denominadas *curuguây*, traduzidas como: *unas habas solvestres gruessas con que alisan la loza*.

Segundo Monticelli (1995, p.48 - nota 26) La Salvia acreditava que, ao contrário da maioria dos arqueólogos, o alisado seria uma decoração mais elaborada, que permitia um liso de “alto padrão”, sendo como expressão final ou suporte para pintura.

A principal distinção entre os modos decorativos e os modos produtivos é que os primeiros foram executados sobre a superfície previamente alisada e portanto não foram resultados da produção da vasilha porque esta já se encontrava pronta quando foram aplicados e isso sugere a sua função somente como decoração ou adorno.

Modos Decorativos²²:

Segundo Monticelli (1995) existe uma diferença na

“expressão decorativa da ação resultante. Isto significa dizer que, por exemplo, ação lateral do dedo sobre a superfície (externa, neste caso) da vasilha produz uma 'dobra'. A sucessão de 'dobras' vai produzir a 'expressão decorativa' do corrugado, que, por sua vez é resultado do acúmulo de argila arrastada, que acaba por formar uma 'crista semilunar'. Assim também são apresentados outros tipos de decoração plástica como o digitado, o unglado, o pontado, o inciso, o escovado, etc.”(p.48).

- Ungulado

Tem como expressão decorativa a unguilação. É uma impressão na forma de um arco, produzida pela ação frontal da unha ou de um instrumento semelhante sobre a superfície ainda plástica. A profundidade da impressão varia, podendo também ocorrer ou não arrastamento da pasta na direção do movimento. As unguilações aparecem em várias posições: vertical, horizontal e inclinada; o sentido da curvatura também varia: voltado para a direita ou para a esquerda. A distribuição das unguilações na superfície também pode ser muito variada. Estas podem ficar muito próximas, sendo tangentes ou secantes entre si; assim como podem estar mais separadas. Além disso tanto podem se distribuir aleatoriamente na superfície como estarem dispostas em faixas ou registros orientados em várias posições.

- Pintados

Segundo Tocchetto (1998, p.157)

“É importante salientar o significado simbólico que as vasilhas pintadas possuíam para os Guarani em época anterior ao contato. Os cambuchis usados para armazenar e servir bebida alcoólica nas festas e depois utilizados como urnas funerárias eram, em geral, pintados. Roger Barlow, expedicionário do século XVI, descreveu um ritual antropofágico Guarani no qual, ao redor do local onde era colocado o prisioneiro, eram postas vasilhas de barro pintados e cheios de água. Os pedaços do corpo esquartejado deste eram cozinhados nestes recipientes (...) A interação de vasilhas pintadas numa situação ritual parece demonstrar o significado simbólico destes artefatos trabalhados artificialmente”

Os estudos destes artefatos para sítios Guarani, como nestes do século XIII, no sítio em questão, podem determinar usos ritualísticos fundamentais para a caracterização destes grupos, considerando que no local onde foram encontrados restos humanos, no interior de uma fogueira, foram localizados restos de cerâmicas pintadas.

A pintura pode ser executada na superfície externa, quando na interna é simplesmente alisada e na superfície interna quando na externa existe outro tipo de tratamento da superfície.

A ocorrência da pintura se dá em áreas específicas das vasilhas; são os campos decorativos. No caso das vasilhas arqueológicas Guarani os campos decorativos são: externamente, nas vasilhas restringidas, a parte superior acima do maior diâmetro até a abertura; internamente, nas vasilhas abertas ou muito pouco restringidas, toda a superfície interna. A regra parece ter sido a de decorar as partes da vasilha que quando colocadas sobre o solo com a abertura voltada para cima, ficavam mais visíveis.

A pintura foi aplicada sob duas formas: cobrindo uma área relativamente grande (engobo) ou como linhas e faixas formando padrões ou motivos. A pintura Guarani geralmente adere bem à superfície garantindo a sua preservação mesmo em condições bastante destrutivas.

Apesar de não terem sido feitas análises dos pigmentos utilizados na pintura, acredita-se que sejam todos de origem mineral. Tecnicamente a pintura Guarani faz parte da classe de pinturas queimadas, isto é, aquelas aplicadas antes da queima e que receberam a sua aderência devido a ela. Os pigmentos utilizados devem ser basicamente minerais que sendo insolúveis, formam suspensões que deixam espessos depósitos na superfície da pasta.

Uma forma de engobo, usando tinta vermelha ou branca, é frequentemente encontrada na superfície interna de todas as classes de vasilhas e deve ter tido uma função não só decorativa como prática, impermeabilizando as paredes muito porosas.

A decoração pintada padronizada mais comum é a característica pintura bicrômica ou policrômica Guarani, a qual é composta por linhas finas e faixas mais

largas pintadas em diferentes tons de vermelho, marrom ou preto sobre uma base de engobo branca.

Mais raramente ainda, se observam faixas largas ou pontos grandes, aparentemente pintados com os dedos diretamente sobre a superfície externa sem nenhum engobo. Essas faixas comumente partem da base da vasilha ou estão arranjadas em agrupamentos paralelos, verticais, ao redor do corpo, perto da abertura²².

Os Pintados classificam-se em sub tipos:

- Pintado de Branco:

Toda ou quase toda a superfície do fragmento está coberta de pintura branca (engobo). Este sub tipo é o mais freqüente entre os pintados, porém não se observa entre as vasilhas arqueológicas Guarani inteiras que tem a pintura suficientemente conservada, praticamente nenhuma que apresente unicamente a cor branca. Em todas elas sobre o fundo branco estão pintadas as faixas e linhas em vermelho, marrom e/ou preto ao qual nos referimos acima; de onde se deduz que os fragmentos que apresentam somente pintura branca realmente perderam estas faixas e linhas pintadas em outras cores.

- Traço Vermelho sobre Pintado Branco:

Toda ou quase toda a superfície do fragmento está coberta de pintura branca (engobo) e sobre esta foram traçadas faixas e linhas em vermelho, formando diversos padrões.

- Traço vermelho sobre alisado:

Faixas largas ou pontos grandes, foram aparentemente pintados com os dedos diretamente sobre a superfície externa sem nenhum engobo. Essas faixas comumente emanam da base da vasilha ou estão arranjadas em agrupamentos paralelos, verticais, ao redor do corpo, perto da abertura.

- Pintado de Vermelho:

Toda ou quase toda a superfície do fragmento está coberta de pintura vermelha (engobo). Entre as vasilhas suficientemente conservadas, se observam várias pintadas de vermelho sem a sobreposição de traços de outra cor, de onde se deduz que esta categoria, ao contrário da pintura branca, realmente existia. Esta definição foi utilizada somente para explicação da pintura vermelha, pois no sítio não foram encontradas vasilhas

inteiras.

3.2 Desenho dos perfis de bordas e reconstituição das vasilhas cerâmicas

Cabe salientar que a cerâmica Guarani era feita procurando combinar o tratamento de superfície com a função

“que determinada vasilha desempenhava. Anteriormente ao contato com o europeu, a maior parte dos recipientes utilitários, de uso doméstico e cotidiano, recebiam acabamento plástico, seja através da polpa do dedo, da borda da unha, de um instrumento ou eram alisados. Os resultantes eram pintados, às vezes com vermelho, mas predominantemente com duas cores" (Tocchetto, 1998, p.158)

No desenho dos perfis, seguiram-se os passos abaixo, conforme a técnica descrita em Meggers e Evans (1970).

As bordas devem sempre ser desenhadas na posição que teriam quando estavam inteiras. Isso pode ser determinado, exceto nos cacos menores e mais irregulares, focalizando a curvatura do lábio. Quando esta curva assume a posição horizontal, o caco estará em posição correta. Seu perfil deve ser transferido ao papel de tal modo que o plano horizontal representando o diâmetro da borda seja paralelo à margem superior da folha. Todos os perfis devem ter a mesma orientação e devem ser desenhados no tamanho natural, assegurando assim uma escala uniforme para todos os desenhos, podendo observar-se a espessura do fragmento. O diâmetro da boca deve ser medido através de uma escala de semicírculos concêntricos graduada em intervalos de um ou dois centímetros. O ângulo da parede do corpo referente ao plano horizontal deve ser mantido na mesma posição que tinha quando no desenho do perfil da borda. Quando a orientação correta for alcançada, a borda deve ser movida sobre a escala até que a curvatura se aproxime de uma das linhas concêntricas.

Os fragmentos de borda são orientados com o auxílio de uma prancheta vertical, sobre a qual é apoiado o lábio do fragmento, partindo do conhecimento de

que o plano da abertura das vasilhas sempre se encontra em uma posição relativamente horizontal. O plano horizontal é transferido para o vertical e o perfil da borda é desenhado, em projeção, sobre uma folha de papel (Brochado, Monticelli e Neumann, 1990; Brochado e Monticelli, 1994).

Todos os perfis de borda são originalmente desenhados e posteriormente ilustrados em tamanho natural e orientados com o lado interno da vasilha para a direita. Acima da linha que marca o plano horizontal da abertura da vasilha encontra-se indicado o seu diâmetro em centímetros. O tratamento das superfícies externa e interna está representado, respectivamente, nos lados direito e esquerdo do perfil, utilizando-se abreviações. Abaixo do desenho consta o número individual da peça indicando a que quadrícula e nível pertence o fragmento²².

A partir dos perfis de bordas desenhados se executa a reconstrução gráfica ideal das vasilhas, também conforme os sistemas usuais. Duplicação do perfil da borda nos dois extremos de uma linha horizontal tendo como comprimento o diâmetro medido pelo arco da abertura. Estimativa da forma do restante da vasilha, utilizando as regras de proporção entre o diâmetro da abertura e a profundidade, calculada para as diferentes classes de vasilhas arqueológicas Guarani (Brochado, Monticelli e Neumann, 1990).

Para o estabelecimento dessas regras, Brochado, Monticelli e Neumann utilizaram

“cento e vinte e cinco vasilhas inteiras recolhidas nos sítios arqueológicos do Alto Uruguai, no norte do Rio Grande do Sul, depositadas no Centro de Estudo e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) da Pontifícia Universidade Católica do RS e no Laboratório de Arqueologia da UFRGS. As cem vasilhas do CEPA da PUCRS derivam das pesquisas de Abraão e Daniel Cargnin e de Guilherme Naue e as vinte e cinco da UFRGS das pesquisas de Balduino Rambo.

As formas das vasilhas reconstruídas são reunidas em classes, categorias e variantes²². (1990, p.737).

Baseando-se neste trabalho é que reconstituímos graficamente as vasilhas cerâmicas através dos fragmentos de bordas mais significativas que coletamos no sítio. E concordamos que

(...) “as reconstruções ilustradas servem apenas para indicar as variações possíveis de forma e dimensões dentro de cada categoria da nossa classificação. Não indicam que conhecemos a forma exata de cada vasilha, porque isso seria impossível apenas a partir de um fragmento da sua borda. Isto, porém, não prejudica na classificação já que a preocupação é a reconstituição da funcionalidade e não da forma exata das vasilhas” (Brochado, Monticelli e Neumann, 1990, p.737).

Brochado, Monticelli e Neumann (1990) utilizaram-se para a divisão de formas, classes²² de vasilhas cerâmicas; cada uma delas com sua funcionalidade própria. Utilizei cinco, das sete classes de funcionalidade existentes através das reconstruções gráficas, pois duas delas não existiam no sítio ou não puderam ser reconstituídas por não possuir bordas significativas para que isto ocorresse.

Estas classes são descritas como:

Cambuchí = talha para líquidos²²

Vasilhas independentes, restringidas, de contorno complexo, com abertura estreita ou média. Base conoidal ou, mais raramente, arredondada. É típico o perfil zonado, lembrando vasilhas empilhadas e encaixadas umas nas outras, com vários pontos de ângulo superpostos, o mais baixo formando um bojo pronunciado (carenado) e os pontos de ângulo seguintes sendo reentrantes, desta forma criando até três seções convexas, superpostas. Gargalo elaborado, de perfil cambado, carenado ou reforçado, em cuja base se encontra um ponto de inflexão ou, mais comumente, um ponto de ângulo reentrante. O diâmetro da boca varia de 18 a 70 cm. A superfície externa é geralmente pintada na porção superior acima do seu maior diâmetro acompanhando as inflexões e pontos de ângulo do perfil. A porção inferior é

simplesmente alisada. Outros *cambuchí* podem ser corrugados, ungulados, escovados ou alisados. Foram reconstituídas através de suas bordas mais significativas 16 vasilhas que estão associadas a essa classe, destas 3 estariam dentro da casa que denominamos Casa 2. Seus diâmetros de abertura de boca variam de 20cm a 38cm, sendo que apenas uma vasilha chegou a um diâmetro de 48.

Yapepó = panela de cozinha²²

Vasilhas independentes, restringidas, de contorno infletido. Base conoidal ou quando de pequenas dimensões, arredondadas. Paredes mais ou menos infletidas, em geral fortemente convexas, formando bojo pronunciado. Borda côncava, vertical, ligeiramente inclinada para dentro ou inclinada para fora. Diâmetro da abertura variando de 12cm a 80cm. O tratamento mais freqüente da superfície externa é corrugado, mas ocorre também alisado e ungulado. Foram reconstituídas 40 vasilhas com estas características, sendo que 8 encontravam-se na parte interna do que denominamos de casa 2 e uma estava introduzida no que denominamos de casa 1. Seus diâmetros de abertura de boca variam de 18cm a 38cm, sendo que apenas 1 vasilha chega a um diâmetro de 44cm.

Tigela funda. *Cambuchí caguâbá* = tigelas para beber²²

Tigelas conoidais de contorno simples, abertas ou levemente restringidas. Tigelas independentes, restringidas, de contorno infletido. Tigelas abertas e levemente restringidas, de contorno composto ou complexo, com um ponto de ângulo marcando a junção da base conoidal com a borda convexa, reta ou côncava. Tigelas independentes, levemente restringidas, de contorno complexo, com dois pontos de ângulo, o mais alto deles reentrante, abaixo de uma borda mais ou menos elaborada. Diâmetro da boca varia de 12cm a 34cm. Relação diâmetro-profundidade entre 0,5cm e 2,5cm.

O tratamento da superfície externa das formas mais simples é usualmente: alisado, corrugado ou unglado. Menos freqüentemente pintados internamente; as formas mais complexas são usualmente pintadas externamente.

Dos *cambuchí caguâba* 17 vasilhas puderam ser reconstituídas, com variações do seu diâmetro entre 14cm e 18cm, sendo que 3 encontravam-se no interior da Casa 2.

Tigela rasa. *Nãe, ñaembé, tembiru* = prato de comer²²

Pratos ou tigelas muito abertas, com base levemente arredondada e borda convexa, continuam com a parede, vertical ou inclinada para fora. O diâmetro varia de 12cm a 34cm. Os pratos fundos (*ñaembé picoe guaçu*) teriam mais de 34cm de diâmetro. Relação diâmetro-profundidade entre 2,5cm e 4,5cm. Tratamento da superfície externa: corrugados, unglados, alisados ou pintados. Foram reconstituídas 13 vasilhas para esta finalidade, seus diâmetros variam de 16cm a 30cm. Três destes estariam na parte interna da casa 2 e 1 na parte interna da casa 1.

Ñaeá, ñaetá = caçarola para cozinhar²²

Tigelas muito abertas de forma conoidal ou elipsóide, contorno simples, com borda direta, continua com a parede, ou convexa, ou vertical. O diâmetro varia desde 30cm até 70cm. Relação diâmetro-profundidade varia de 0,9cm a 2,6cm. Foram reconstituídos 3 vasilhas com seus diâmetros de 30cm, 32cm e 38cm. Sendo que 1 delas encontrava-se na Casa 1.

O total de reconstituições que puderam ser efetuadas foi de 101 vasilhas através de suas bordas mais significativas. O que conseguimos notar é que estas reconstituições mostraram que as vasilhas eram pequenas não ultrapassando a diâmetros maiores que 38cm de abertura de boca, salvo algumas exceções onde aparece um *Cambuchí* com diâmetro de 48 e um *Yapepó* com diâmetro de 44cm de

abertura de boca, isso nos leva a crer que este grupo não era muito grande, pois não possuíam panelas grandes para o cozimento de alimentos.

CAPITULO IV

ARQUEOLOGIA COMO INTERPRETAÇÃO: Análise dos resultados

A análise dos resultados dos trabalhos de campo conjugados com os trabalhos de laboratório possibilitaram uma determinação importante do que se entende por sistema de assentamento Guarani. Os estudos foram referendados teoricamente nos formuladores das teorias de médio alcance e pelos geoarqueólogos.

Os sítios Guarani provavelmente, segundo Noelli (1993), deveriam ser determinados a partir de estudos mais profundos dos sítios por análise interpretativas sincrônicas e diacrônicas. Estes estudos podem ser aprofundados por modelos locacionais que determinam os assentamentos como escolhas repetidas que buscam alguns compartimentos da paisagem, como “assinaturas arqueológicas”, que tornaram-se bem sucedidas determinadas por condições ambientais favoráveis (Morais, 2000, p.10). Baseando-se neste modelo locacional podemos tratar os processos de implantação do sítio no relevo, no qual o estudo de processos marinho, no caso do sítio em análise, passa a ser importante, estudos de depósitos eólicos, as formações de paleosolo e outros dados relevantes que poderão nos conduzir ao processo de assentamento do grupo além de registrar as formas adaptativas de implementação de um possível padrão de assentamento para o Guarani.

O padrão de assentamento pode ser entendido como

“a distribuição dos registros arqueológicos em determinada área geográfica, refletindo as relações das comunidades do passado com o meio ambiente e as relações entre elas próprias no seu contexto ambiental. Estratégias de subsistência, estruturas políticas e sociais e densidade da população foram alguns dos fatores que influenciaram a distribuição do povoamento, desenhando os padrões de assentamento” (Morais, 2000, p.10-11).

Considerando-se o que trata Morais sobre o padrão de assentamento e o que tratamos como perspectiva de trabalho não temos a pretensão de atingir um padrão de assentamento visto, este só ser possível depois de vários sítios investigados, com esta metodologia e com esta proposta interpretativa, em uma área geográfica, mas consideramos importante que este pressuposto seja proposto como atividade futura.

Com base neste pensamento nossa hipótese inicial em que o trabalho visaria

(...) “demonstrar que é possível montar um assentamento Guarani pré-histórico através da identificação da distribuição dos diversos artefatos arqueológicos, com ênfase na sua funcionalidade e concentração. Este tipo de definição só foi testado em outros locais do mundo mas até o momento não foi testado para os Guarani pré-históricos. Assegurada sua funcionalidade esta poderá ser reproduzida para os diversos sítios possibilitando o reconhecimento desta ou daquela área de atividade em prospecções de sítios deste contingente humano” (Carle, 2000, p.10).

O que temos até o momento é um núcleo de solo antropogênico comum nos grupos horticultores.

“Conhecido como mancha preta, é um corpo sedimentar remanescente de antigos solos de habitação e seu cinturão envoltório, depósitos de lixo, áreas de cocção de alimentos, etc. Surge como manchas ovaladas de solo enegrecido pelo elevado teor de materiais biogênicos coletados, processados e descartados pelas comunidades pré-coloniais, rico em evidências arqueológicas, principalmente fragmentos de cerâmica e estruturas de combustão. No caso do sistema regional guarani, são, com freqüência, os remanescentes da *tapy iguassu*, a casa-grande e seu entorno” (Morais, 2000, p.11).

Outro ponto importante a tratar é as variabilidades dos conjuntos dos artefatos que devem ser entendidas “*tendo em vista a função contextual primária destes em uma concepção sistêmica de cultura*” (Dias, 2000, p.9).

Para Binford (1962 apud Dias, 2000, p.9) os artefatos podem ser classificados por de três formas: tecno-econômica, sócio-técnicas e ideo-técnicas.

“Os artefatos tecno-ecômicos tem sua função primária relacionada ao ambiente físico, sendo sua variabilidade explicável em termos adaptativos. Os artefatos sócio-técnicos correspondem a elementos materiais, cujo contexto funcional principal é o subsistema social, funcionando como um meio extra-somático de articulação dos indivíduos entre si em grupos coesos capazes de, eficientemente, manterem-se e manipularem a tecnologia. Qualquer padrão de mudança nesta categoria de artefatos é tecnologia. Qualquer padrão de mudança nesta categoria de artefatos é relacionada a alterações na estrutura social. Por fim, os artefatos ideotécnicos tem como contexto funcional primário os componentes ideológicos do sistema social, seriam itens que significam ou simbolizam racionalizações ideológicas do sistema social e promovem um meio simbólico no qual os indivíduos são enculturados, enquanto participantes do sistema social. (...) Atravessando todas estas classes gerais de artefatos, estão as características formais que podem ser chamadas de estilísticas, que corresponderiam a qualidades formais não diretamente explicáveis em termos da natureza da matéria prima, da tecnologia de produção ou da variabilidade da estrutura tecnológica e social do sistema cultural. Suas propriedades formais tem por função proporcionar ao grupo identidade e reconhecimento social, compreendendo-se qualquer mudança de estilo como produto de mudança sócio-cultural” (Dias, 2000, p.10-11)

Com base nestes termos, identifica-se a produção cerâmica Guarani nos aspectos de permanência cultural muito mais do que na mudança, assim os aspectos tecno-econômicos das cerâmicas podem ser identificadas a partir da adaptabilidade relacionada ao ambiente físico, no que se refere ao sistema de alimentação Guarani e a suas relação com os padrões alimentares oriundos de um ambiente amazônico relacionados então a um ambiente subtropical de região lagunar com uma mata de menor grau de possibilidade produtiva.

O aspecto sócio-técnicos correspondem para este grupo aos elementos decorativos e tratamentos plásticos da cerâmica no sentido identificativo entre estes que buscam uma articulação dos intra-grupo, onde dominam técnicas específicas de padronização produtiva das cerâmicas considerando os antiplásticos, os tratamentos de superfície e as formas/funções.

O aspecto ideotécnicos que tem como componente básico à questão ideológica, pode estar representada mais claramente nas cerâmicas pintadas, as quais

simbolizam a promoção de um meio simbólico de inclusão dos Guarani enquanto participante do mesmo sistema social dos seus antepassados.

Essas características formais estilísticas, tendem a criar os laços de identidade e reconhecimento social, no qual o estilo deve permanecer e portanto explica-se sua perpetuação fora de áreas mais próprias para assentamentos Guarani, tais como vemos na região do Jacuí, Paraguai e do Uruguai (La Salvia e Brochado, 1989).

4.1 A Cerâmica²²

“Os Guaranis, em terras geralmente mais frias vão cultivar o milho, o aipim, o feijão, a batata doce, as abóboras, para cujo preparo necessitam outras formas cerâmicas, que vão distingui-los de seus irmãos de mais ao norte” (Schmitz, 1991, p.37).

Não só dos Tupinambá irão se diferenciar os Guarani, mas entre eles também haverá mudanças conforme as regiões que eles habitam. Verificando estas pequenas casas em comparação com as conhecidas, através de análises das manchas escuras de solo, nos vales do Paraguai, Uruguai e Jacuí as famílias destes são bem menores. A produção dos cultivos da floresta sub-tropical menor, e por conseguinte as cerâmicas diferentes, pelo menos em proporção.

No interior da casa 1 (quadrante 10-30), provavelmente uma casa oval, que aparentemente está limpa e que possui medidas, de mais de 5,5 metros de comprimento com 2,8 a 3 metros de largura, aparece um *Ñaembé*²², corrugado externamente e liso internamente, que é uma tigela rasa ou prato de comer que tem um ângulo de curvatura aberto e possui o diâmetro da boca de 24cm. Outra vasilha que aparece em seu interior é um *Yapepó*²², corrugado externamente e liso internamente, que é uma panela de cozinha, que possui a base conoidal. A parede é mais ou menos inflectida, formando um bojo pronunciado. A borda é levemente

côncava e ligeiramente inclinada para dentro. O seu diâmetro de abertura é de 30cm de boca.

Segundo Assis (1999), referindo-se aos Mbyá

“As casas são pequenas, medindo em média 12m² e são utilizadas geralmente para guardar os objetos de família e para dormir, as demais atividades são realizadas no pátio. A área central da aldeia também é composta de casas e se diferencia dos demais núcleos por possuir uma casa de reza, denominada *opy*. (p.230)

Através desta colocação de Assis conseguimos explicar por que esta casa encontra-se praticamente limpa em seu interior.

No interior da casa 2 (entre os quadrantes 30-40 e 30-50), com 7 metros de comprimento e 5 metros de largura possuem sustentação principal em um esteio, tem frente ampla para o Norte e encerramento em curva para sul. Nela aparece três *Ñaembé*, sendo que dois deles são corrugados, um é ungulado e ambos alisados internamente, seus diâmetros de abertura de boca variam entre 22cm e 30cm.

Oito *Yapepó* também vão aparecer no interior desta casa, sendo que seis corrugados e dois são ungulados, seus diâmetros de boca variam entre 16cm a 36cm.

Outras formas de vasilhas que vão aparecer no interior da casa 2 são os *Cambuchi caguâba*²², que são tigelas fundas (para beber). Tigelas conoidais de contorno levemente simples. Estas aparecem em um número de dois corrugados externamente e dois alisados. Ambos possuem diâmetros de 14cm.

Próximo à estaca principal vai aparecer um *cambuchi*²², talha para líquidos que é restringida, com base arredondada. O diâmetro da boca é de 26cm. A superfície externa é alisada junto à borda, corrugada no ponto de inflexão e alisada

externamente no restante do corpo e pintado de vermelho internamente até a parte superior do lábio da vasilha.

Nesta casa nota-se uma variedade de vasilhas diferentes, o que denota a rotatividade desta, pois aparecem cinco *Yapepó*, com diâmetros variando entre 16 a 36cm; cinco *Ñaembé*, com diâmetros de boca entre 22 e 30cm; dois *Cambuchi caguâba*, ambos com diâmetros de 14cm e um *cambuchí* com diâmetro de 22cm de boca.

Os *Yapepó* tem uma variação de diâmetro entre 12cm e 80cm. O mesmo ocorre com o *cambuchí*, que é utilizado principalmente para fermentar, armazenar e servir bebidas fermentadas alcoólicas também tem proporção pequena, tem um diâmetro de abertura de 22cm, pois os diâmetros da boca variam entre 18cm até 70cm (Brochado, Monticelli e Neumann, 1990).

Nas peças que foram reconstituídas no sítio os diâmetros não são maiores que 38cm para todos os tipos de vasilhas, demonstrando que viviam em pequenos grupos e que as panelas então não necessitavam ser muito grandes para a cocção e guarnição dos alimentos.

As vasilhas reconstituídas têm pequenas proporções, mas as suas formas e tratamento de superfície se mantêm, indicando que mesmo os Guarani tendo ido para o litoral não modificaram a sua cultura, podendo dizer que se adaptaram ao meio que optaram para fazer as suas casas.

Schmitz (1993, p. 1940 apud. Monticelli, 1995, p. 45) destaca que

“É impressionante o grau de homogeneidade da cultura material recuperada não só no Rio Grande do Sul, mas em toda a área ocupada pelo Guarani, desde o Pantanal do Mato Grosso até a altura de Buenos Aires, do litoral atlântico até o

rio Paraguay”.

4.2 Casas aldeia

Segundo Prous (1992, p. 376-78) os sítios grandes dos Guarani tem espessura média de 30cm, mas podem chegar nos terraços aluviais até 1,5 metros o que provaria uma ocupação por muito tempo. A forma de organização destes assentamentos é variável e segundo as análises dos “fundos de cabana”, elas apresentariam misturas de solo escuro com formas circulares ou ovais. As áreas de concentração do sítio variam de 25m², (um fundo de casa - Prous, 1992) solo antropogênico (Morais, 2000) ou manchas escuras (Naue, 1993) até 20000m² com vários fundos. Podendo estes maiores representar uma ou várias ocupações.

No caso dos sítios menores, formados por uma menor disponibilidade de recursos na área de ocupação (Noelli, 1993, p. 81), as manchas indicam casas menores, como a escavada na área de instalação do Distrito Industrial Automotivo de Guaíba (conhecido sítio Santa Rita da FORD) no qual trabalhamos, e onde a mancha escavada de forma oval, reconhecida²² possuía aproximadamente 24m².

Estes sítios com estruturas menores puderam ser visualizados na região em estudo (Povo Novo – Rio Grande) sendo inicialmente considerados parcialmente visíveis pela ação dos movimentos das dunas (Naue, 1973, p. 257) ou podemos representar sítios de ocupação sazonal para casos do litoral (Rogge, 1999, p. 215-16).

Consideramos importante reconhecer as permanências destes grupos no local e mesmo determinar o período de sustentabilidade para o Guarani pré-colonial, mas as informações que levantamos até o momento não nos possibilitaram montar este quadro. Ocorre também, que por este sítio possuir uma amostra muito reduzida de

restos faunísticos, apesar da ampla área pesquisada, ficou impossível inferir a relação feita por Jairo Rogge (1999, p. 217) para os sítios da Praia do Quintão.

A quantidade de cerâmica encontrada sugere uma ocupação mais contínua da área, mas não temos como comprovar isto até o momento. Como agimos em apenas parte de uma extensa área, com dunas móveis que descobrem e recobrem os vestígios dos fundos de casa (manchas escuras), podemos sugerir que estas edificações tenham um tempo limitado de ocupação, mas é uma incógnita como sugere Noelli (1993, p.97).

O certo é que a área tem pelo menos 100 anos de ocupação entre o século XIII e XIV.

Estas estruturas deveriam estar assentadas em meio à pequena mata da região.

“As aldeias dos guaranis eram, em geral, instaladas em clareiras em meio à floresta subtropical, próximas a fontes de água e sobre colinas situadas junto a várzeas férteis dos rios. Este padrão de ocupação do espaço foi um modelo repetido desde tempos imemoriais.

 Não apenas se tratava de uma posição estratégica, da qual se podia observar toda área, mas também da escolha de um lugar mágico” (Kern, 1994, p.107)

Neste sentido mesmo em estruturas menores as casas devem ser estruturadas conforme o pensamento Guarani, pensamento este que segundo Noelli (1993, p. 15)

 “Os Guarani, principalmente os anteriores ao século XVII, devem ser enquadrados entre as sociedades chamadas por Sahlins (1990: 13) de ‘prescritivas’, ou seja, aquelas que nada é novo, onde os acontecimentos são valorizados pela sua similaridade com a ordem vigente. O que sucede nesta situação é a projeção da ordem vigente, mesmo quando o que acontece não tiver precedente e se tiver ou não uma bem-sucedida interpretação recuperativa. Tudo era efetivação e repetição (Sahlins, 1990: 13). Tudo devia ser conforme o ‘estilo de vida aprovado’ (Gertz, 1978: 146).

distribuição espacial do material. A compreensão destes materiais é assegurada por uma análise já bem sucedida em laboratório definida por uma técnica investigada

Esta valorização que os Guaraní atribuíam à repetição poderia refletir e dar subsídios à já citada afirmação idealizada de Melià (1978: 57) de que ‘tudo é palavra’, de forma que se possa propor uma hipótese subsidiária da principal: - as ‘palavras’ do discurso e da nomenclatura das coisas devem ser e sempre foram rigorosamente reproduzidas. Uma comparação entre as palavras nominadoras da cultura material na família lingüística Tupi-guarani, demonstra claramente os requisitos para a formação desta hipótese. Juntamente com as palavras, os comportamentos e seus reflexos no mundo material. Mais do que nunca, a idealizada proposição arqueológica de ‘ação e idéia fossilizada’”.

Considerando que estes estudos possam ser representativos de aldeias periféricas não centrais aos grandes grupos Guaraní dos vales dos grandes rios, estas estruturas com certeza manteriam suas feições originais, mas em proporções menores como as localizadas pelos viajantes europeus que ali estiveram nos primeiros momentos da expansão européia na região.

“Contrariando esta análise, a partir dos mesmos dados, diversas aldeias contemporâneas de dimensões diferentes ou, ainda, uma aldeia maior com uma chefia mais poderosa, que mantém sob sua vassalagem uma (ou mais) aldeia menor, ‘empurrada’ para área de recursos mais pobres que a várzea” (Soares, 1997, p. 48)

No caso em estudo foi possível identificar duas casas claramente demarcadas no solo arqueológico pelas manchas escuras e profundas de esteios e por aglomerados de manchas similares que podem identificar o mobiliário (jirau) das edificações²². São importantes indicativos a presença ou ausência de material móvel neles.

quantitativa e qualitativa, através de uma análise tecno-tipológica e funcional das cerâmicas recolhidos em campo, através de uma metodologia de escavação de grande área.

INTERPRETAÇÕES

Quadro interpretativo

Estrutura	Localização	Características
Casa 1 - limpa	Quadrante 15-30 / 20-30 15-35 / 20-35 Quadrículas componentes 15/33 – 16/33 – 17/34 – 17/33 – 17/32 – 17/31 – 17/30 – 18/30 – 18/31 – 18/32 – 18/330 19/30 – 19/31 – 19/32	Tendo parte da estrutura escavada com esteios periféricos (externos) de sustentação do limite e um esteio central (interno), com mais profundidade estando quase limpa de vestígios. Os vestígios dos esteios periféricos (externos) aprofundam-se de 15 a 30cm no solo e o esteio central (interno) a uns 50cm
Casa 2 - Repleta de material	Quadrantes 30-53 / 37-53 30-47 / 37-47 Quadrículas 31/51 – 31/52 – 31-53 – 32/49 - 32/50 – 32/50 – 32/51 – 32/52 – 33/53 – 34/47 – 37/48 – 34/49 – 34/50 – 34/51 – 34/52 – 34/53 – 35/48 – 35/49 – 35/50 – 35/51 – 35/52 – 36/49 – 36/50	Estrutura totalmente escavada com sete esteios periféricos e dois esteios de sustentação no limite mais interno. Os esteios mais externos têm estrutura aprofundada variando entre 15 e 25cm de profundidade e os postes mais internos tem um de 120cm e outro de 10cm apenas. No interior desta estrutura junto ao

	- 36/51 - 37/50	<p>esteio central maior existem marcas de uma outra estrutura com estriamento retangular de oito pernas e outro com quatro pernas próximo a um esteio periférico a NW.</p> <p>No interior desta casa aparece muita cerâmica assim como na periferia (ver interpretação 3 e 4).</p>
Concentração de esteios 1	Na quadrícula 34/48	<p>Composto basicamente por quatro marcas de esteios principais com profundidade de 20cm e sete marcas periféricas com 10 a 15cm de profundidade, posicionadas de maneira retangular na direção NE/SW estando posicionada a 1 metro do esteio periférico da casa 2, no interior da mesma.</p> <p>No interior da disposição retangular aparece pouquíssima cerâmica, mas para sul deste muitos fragmentos surgem e a norte está limpo de vestígios.</p> <p>As marcas principais limitantes do retângulo distam: dois entre si 4cm e 1m entre cada dupla e formando um</p>

		retângulo, as outras marcas de esteios são considerados periféricos.
Concentração de esteios 2	Quadrículas 32/51 – 32/52	<p>Estrutura de esteios marcados no solo da até 40cm de diâmetro e até 30cm de profundidade, estando no entorno do esteio principal da casa, sendo os quatro mais distantes, que formam um retângulo, estão \pm 1 metro deste, formam com outros periféricos duas linhas a NW e SE do esteio principal da casa.</p> <p>Entremeando as marcas alguns fragmentos de cerâmica corrugada e alisada.</p>
Fogueira 1	Quadrículas 37/49 – 37/50	Grande concentração de carvão, com inserção de cerâmica (corrugadas, lisas, unculadas e pintada), com 80cm por 50cm estando no limite NW. No interior aparecem dentes e ossos de criança calcinados

Fogueira 2	Quadricula 17/35	Concentração de carvão dispersa em lente de 5cm de profundidade sem material em seu interior.	
Concentração de esteios fora da casa 2	Quadricula 30/49	Manchas de esteios com 5cm de profundidade que apresentou uma forma trapezoidal de organização, pouca cerâmica entre estes.	

FOGÕES

“O fogão mais simples é constituído de achas de lenha dispostas no chão. Diretamente sobre as brasas são assados certos alimentos, onde se colocam as panelas. Os Mundurukú utilizam pedras como suporte para panelas ou então uma trempe, ou ainda fogões altos, tipo mesa, de barro e tijolos, estes últimos por efeito da aculturação. Para este grupo, nem todo tipo de lenha se presta para seus fogões. Distinguem dois tipos para fins específicos: a ‘lenha branca’ (*dexan tat*) é usada para cozinhar e iluminar; e a ‘lenha vermelha’ (*dexan pök*) para torrar farinha. Como os Mundurukú, outros grupos indígenas possuem diferentes tipos de lenha destinados a determinados usos. A grelha ou moquém desempenha papel importante; tanto no preparo de alimentos, como, principalmente, na conservação de carnes. Com variações no aspecto, está presente em todos os grupos indígenas” (Velthem, 1987, p. 97).

O resto de cocção localizados no interior das estruturas é bastante significativo.

O fogão para a cocção de alimentos provavelmente estaria na área interna da casa, com possibilidade de iluminação próxima a aberturas, isto talvez explique a localização da fogueira na área NW da casa 2. Neste fogão aparecem vestígios de cocção de alimentos e também vestígios de um provável ritual antropofágico ou canibalismo²³. Pode ser este o “*tatançu*” (Bordini, s/d, p.635), a grande fogueira da casa que servia para cocção dos alimentos principais dos núcleos familiares que conviviam na casa (Assis, 1996, p. 70) e nesta despontavam grandes fragmentos de vasilhas para o apoio pela falta de pedras para tanto ou cravavam as vasilhas no chão em meio aos carvões e madeiras de combustão (Assis, 1996, p.70).

²³ Estes vestígios são os de dentes de leite e restos ossos encontrados no interior deste fogão.

As estruturas de combustão tem sido mais encontradas fora das estruturas de habitação (Noelli, 1993, p. 57), mas havendo muitos casos de estruturas fora das casas que serviriam para diversos fins além da cocção de alimentos (Noelli, 1993, p. 99; Prous, 1992, p. 382).

Verificou-se pelo menos uma destas estruturas, na quadrícula 17/35, sem que houvessem vestígios materiais associados a elas, podendo representar uma pequena fogueira (de 20x10cm) para queima de cerâmica²⁴ ou mesmo para a confecção de um arco.

JIRAUS

“Os vários objetos pertencentes aos ocupantes de cada *çapupan*²⁵ eram acondicionados de diferentes maneiras, sendo a maneira mais correta sobre jiraus denominados *igçãya*” (Assis, 1996, p.70).

No sítio em estudo podemos identificar de dois a três jiraus, ou mesmo um quarto que não foi listado, mas que pode assim ser identificado na quadrícula 35/52.

Estes jiraus cumprindo função de mesa ou balcões de armazenamento de bens ou víveres poderiam ser internos ou externos a casa. Neste sítio temos pelo menos dois destes bem marcados o de localização interior a casa, quadrícula 34/48, e o externo, quadrícula 30/49 e dois outros menores menos confirmativos, o do entorno do esteio principal com forma quase retangular (quadrículas 38/51 e 38/52) e interno junto ao perímetro oeste (quadrícula 32/52).

²⁴ Não foram tratados por nós os fragmentos de concentrações ferruginosas de cor avermelhada que poderiam servir de base para as pinturas minerais cerâmicas, podendo estar associados a estas fogueiras (Prous, 1992, p. 382). Este entrecruzamento de dados poderá ser realizado futuramente.

²⁵ Espaço ocupado por uma família nuclear no interior da casa Tupinambá (Assis, 1996, p. 68)

“Em alguns jiraus eram acondicionados objetos e alimentos misturados, em outros apenas alimentos, por vezes próximos às fogueiras existentes para serem defumados” (Assis, 1996, p. 71).

No caso do possível jirau no entorno da estaca principal existem muitos indícios de fogões de pequeno porte e sazonal, mas que podem ser também interpretados com fogos de aquecimento para redes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos iniciais deste trabalho consideravam importante ressaltar a possibilidade de implementação de “padrões de assentamento” para os Guarani nesta região da borda da Laguna dos Patos. Analisando os dados obtidos das pesquisas anteriores e das pesquisas que participamos em sítios da Tradição Guarani evidenciamos que sem uma maior quantidade de escavações em áreas amplas para estes tipos de sítios na região, e sem as mesmas preocupações metodológicas que abordamos neste trabalho, tal intento de reconhecer o “padrão” Guarani de assentamento será fracassado.

Com esta perspectiva, e possuindo apenas um sítio escavado em área ampla nesta região, que fosse reconhecidamente Guarani, nos condicionamos a realizar uma análise intra-sítio, considerando todas as estruturas trabalhadas pertencentes a este. Existe uma prática que identificava cada mancha escura (preta) ou cada concentração de material como um sítio, fato este que ocorreu nesta área de estudo. Ao considerarmos um único sítio nos foi possível relacionar as estruturas reconhecidas entre si.

Consideramos este sítio integrado a um modelo regional de povoamento, que é típico dos Guarani para a região, e pode estar relacionado a sua forma de disposição no terreno, onde é possível de comparar o seu assentamento a outros da região pela tipologia morfológica de escolha que consideraram adequada para o seu estabelecimento. Isto já apresenta subsídios para um “padrão”, mas não os define

com clareza. Para obtermos a certificação do padrão seria necessário que mais casas fossem escavadas como as que escavamos.

A resposta inter-sítios não pode ser fornecida, mas o assentamento e as relações intra-sítios já podem ser respondidas.

Subsidiado pela teoria de alcance médio busca-se verificar os aspectos extra-somáticos de cultura Guarani que poderiam estar representados no sítio.

As formulações de três aspectos básicos para esta análise podem suscitar em relações intra-sítio caracterizadoras de um assentamento Guarani.

No aspecto técnico-econômico podemos identificar a estrutura de casa que é similar a casa grande dos seus irmãos mais ao norte. Mantiveram a mesma estrutura, mas em menor escala. Não somente a estrutura de casa como as outras associadas, tais como os fogões, jiraus e tipologias cerâmicas reconhecidas neste sítio.

As cerâmicas técnico-econômicas podem, neste caso corresponder ao tratamento de superfície corrugado que, segundo Prous (1992, p. 391)

“O corrugado, e suas variações (...) é sempre a decoração plástica dominante, a não ser em poucas fases do litoral central. Na região ‘Guarani’ é freqüente ser o tipo cerâmico dominante (...). Na região ‘Guarani’ sua freqüência parece aumentar entre o século IX e o XV, mas em comparação ele fica menos marcado, mais superficial. No litoral central e na maior parte das fases nordestinas não é representado, sendo então o unglado a formula plástica dominante (...) apesar de nunca chegar às altas porcentagens atingidas pelos cacos simples (dominantes) nem às bem mais modestas dos pintados (decoração dominante).

Qualquer que seja a região focalizada, o ungulado, apesar de sempre presente nas fases meridionais, dificilmente chega a uma porcentagem de 10-15% (vale do Rio Pardo), mal atingindo 1 a 4% nas diversas fases de Itaipu ou nos sítios do sudoeste paulista que prospectamos”.

Em relação ao corrugado Prous tem razão, isso ocorre porque as vasilhas corrugadas foram utilizadas no cotidiano para cozinhar, servir e armazenar comida e líquidos e por este motivo estariam mais expostas a quebras, tendo que ser substituídas mais frequentemente. O mesmo ocorre com as vasilhas que possuem a decoração alisada, e é por este motivo que nas planilhas das áreas escavadas a maior quantidade de fragmentos que aparecem são os de tratamento corrugado (41%) e alisado (36%).

As vasilhas com tratamento corrugado e alisado eram utilizadas para o cozimento e armazenamento dos alimentos, no qual são identificadas como técnico-econômicas e que segundo Schmitz (1991)

“Sua economia e sua cultura se encaixam perfeitamente no que os antropólogos estão acostumados a denominar ‘horticultores de floresta tropical’, como existe até hoje na Amazônia. (...) A economia se baseava nos cultivos de milho, aipim, abóbora, batata doce, amendoim, feijão, cará, fumo, algodão e outras plantas tropicais” (p. 32 e 34).

O aspecto sócio-técnico que se afirmou neste estudo está representado no sítio pelas formas de construção das casas que seguem um padrão Guarani, a confecção da vasilha é feita através de roletes e estes para serem unidos recebem um

tratamento plástico, de onde vem o corrugado e o alisado, pois estes são feitos com a argila ainda úmida e são denominados de modos produtivos em função de serem aplicados no momento de confecção (produção) do vasilhame cerâmico. Este ‘tratamento’ corrugado está bem definido nesta relação sócio-técnica pois este é como uma marca, identificadora da cultura Guarani, não existem outros grupos que produzam a cerâmica com este tratamento de superfície e as formas buscando uma articulação do intra-grupo.

“Observa-se um padrão estético (formas, tratamentos superficiais, manufatura, etc.) entre as vasilhas dos índios Guarani. O conservadorismo e a fidelidade das oleiras no respeito às tradições, durante todo o processo de produção da cerâmica pode ser explicado como uma forma de garantir o sucesso do empreendimento” (Monticelli, 1995, p. 44)

Nesta relação sócio-técnica podemos destacar uma característica das ceramistas Guarani de utilizarem como antiplástico cacos moídos de cerâmicas. Neste sítio, chama atenção à quantidade de vasilhas que foi utilizado, 78% dos fragmentos de cerâmica coletados continham cacos moídos. Esta utilização está ligada a falta de antiplástico com que a ceramista estava acostumada então se adapta ao meio, utilizando o que está a seu alcance, vão aparecer também fragmentos muito arenosos, pois começa a colocar o que o meio onde vive lhe oferece.

Outra característica Guarani está ligada a forma/função, cada vasilha cerâmica fabricada terá uma forma específica e esta lhe dará a função a que ela será submetida, se fizerem um *Yapepó*, por exemplo, saberemos que esta será utilizada para cozinha, pois é feita para ir ao fogo, mas também para armazenar alimentos, e como urna funerária.

E finalmente os aspectos ideo-técnicos representados pelos usos das casas que podemos verificar uma que é totalmente repleta de domesticidade (casa 2) e outra completamente limpa como as casas de reza dos Guarani ou casas de dormir.

Uma marca ideológica forte dos Guarani está na cerâmica pintada.

Segundo Prous (1992, p.393)

“É possível que alguns desses recipientes tenham sido objetos de cuidados especiais, e L. Pallestrini nota que, no sítio Alves, sua queima era bem superior à dos casos simples ou com decoração plástica; suas paredes eram também mais finas, apesar de se tratar, eventualmente, de urnas grandes, inclusive, a mesma observação foi feita no litoral catarinense por P.I. Schmitz”.

Estas vasilhas pintadas eram usadas para fermentar, armazenar e servir bebidas fermentadas alcoólicas. Segundo relato de Staden:

As mulheres fazem as bebidas. Elas pegam raízes de mandioca e fervem grandes panelas cheias. Quando as raízes estão bastante cozidas, são retiradas e despejadas em outros potes, para esfriar um pouco. Depois disso, as mulheres jovens sentam-se, mastigam a mandioca e devolvem ao que mastigaram para potes especiais.

Quando todas as raízes cozidas já estão mastigadas, aquilo tudo volta para uma panela cheia d'água, que é misturada com a papa das raízes. O produto todo é aquecido mais uma vez.

Eles possuem potes especiais, que são enterrados no solo pela metade (...). A beberagem começa a fermentar por si mesma, tornando-se forte. Permanece dois dias fechada, depois bebem dela e embriagam-se. (1998, p.148)

Podendo ser utilizada também como urna funerária. Estas urnas poderiam receber um enterramento primário, onde o indivíduo não é “*sepultado dentro do recipiente cerâmico. Considera-se aqui os sepultamentos com recipientes cerâmicos sobre o crânio como primários*” (Noelli,1993, p. 102).

E enterramento secundário onde os restos (geralmente os ossos longos e o crânio) são sepultados dentro de recipientes cerâmico, às vezes acompanhados com algumas oferendas (colares, vasilhas pequenas com ‘amuletos’).

Outro aspecto ideo-técnico é a antropofagia, na qual citarei Staden junto aos

Tupinambá

“Quando os prisioneiros chegam são trazidos para a casa, as mulheres e os filhos dos selvagens têm permissão para bater neles. (...) a *ibira-pema* é pendurada em uma haste acima do chão de uma cabana vazia, em volta da qual os selvagens dançam e cantam durante a noite. Quando começam a beber, carregam o prisioneiro junto, divertindo-se às custas dele. (...) as mulheres levam o prisioneiro até o local e dançam em volta dele. O rosto do prisioneiro é pintado da mesma maneira, com as mulheres cantando em volta enquanto uma delas faz a pintura. A *mussurana* é retirada de seu pescoço, amarrada em volta do corpo e retesada dos dois lados (...) Muitas pessoas seguram o cordão em cada extremidade. Quando a pele está retirada, um homem pega o morto e corta as pernas acima do joelho e os braços junto ao corpo (...) As mulheres comem as vísceras e também a carne da cabeça; os miolos, a língua e o que mais for aproveitável, são as crianças que recebem. Mas são as mulheres que levam as vísceras, das quais fazem uma papa denominada *mingau*, que elas e as crianças bebem. Depois de tudo isso, cada um volta para sua cabana levando seu bocado” (1998, p. 168-69).

Neste sítio foi constatada a antropofagia ou canibalismo através de dentes de leite e ossos calcinados, de uma criança com aproximadamente 8 anos, encontrados junto ao fogão localizado no interior da casa denominada como 2.

Este trabalho então abre uma reflexão mais aprofundada sobre o sistema deposicional de um sítio e como este pode ser associado a um grupo cultural.

OBRAS CONSULTADAS

ALMEIDA, Áureo Nunes de. Depósitos arqueológicos do Município de Rio Grande.
In: **Anais Do VI Simpósio Sul-Riograndense de Arqueologia**. Porto Alegre:
Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da PUCRS, 1993. p. 43-52.

ASSIS, Valéria Soares de. **A Espacialidade Tupinambá**. Porto Alegre: PUCRS.
Dissertação de Mestrado, 1196.

ASSIS, Valéria Soares de. Pesquisas Etnoarqueológicas para Pesquisas em registros
Arqueológicos Guarani. In.: **Revista do CEPA** Nº 29, V. 23, :Santa Cruz do Sul:
CEPA/UNISC. Jan./Jun. 1999. p.228-32.

BORDINI, Orlando. **Dicionário – A língua Tupi na geografia do Brasil**.
BANESTADO: Curitiba – Gráfica Muto: Campinas, s/d. 803 p.

BRACCO BOKSAR R. et alii,. Arqueologia y media ambiente en la Cuenca de la
Laguna Merin. **IX Congreso Nacional de Arqueologia Argentina - 1988**, Buenos
Aires, 1989.

BRAY, Warwick e TRUMP, David. **Dizionario di Archeologia**. Milano: Arnoldo
Mandarori Editore, 1990. 293p.

BROCHADO, José J.J.P. A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica In: **Dédalo**, Nº 27. USP:São Paulo, 1989. p. 65-82.

BROCHADO, José P. & MONTICELLI, Gislene. Regras Práticas na Reconstrução Gráfica das Vasilhas de Cerâmica Guarani a partir dos Fragmentos. In: Revista **Estudos Ibero-Americanos**. Vol. XX, nº 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994. p. 107-18.

BROCHADO, José P.; MONTICELLI, Gislene e NEUMANN, Eduardo Santos. Analogia Etnográfica na reconstrução gráfica das Vasilhas Guarani Arqueológicas. **Veritas**, Porto Alegre, v. 35, n. 140, p. 727-743, dez. 1990.

CARLE, Mirian B. **Investigação arqueológica em Rio Grande: uma proposta da ocupação Guarani pré-histórica no Rio Grande do Sul - Projeto de Pesquisa** PUCRS-FFCH-PPGH:Porto Alegre, 2000. 14 p.

CELORIA, Francis **Arqueologia**. Série Prisma.São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1975. 195 p.

CHILDE, V. Gordon. **Introdução a Arqueologia**. Coleção Saber nº 48. São Paulo: Europa-América.

CHMYZ, Igor Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica In.: **Manuais de arqueologia nº 1** - Seminário de Ensino e Pesquisa em sítios cerâmicos - CEPA-Universidade Federal do Paraná - FFCL, Depto. de Antropologia:Curitiba, 1966, 22p.

COSTA, Cristiane Oliveira da e CARLE, Mirian Baptista. Análise do material cerâmico Guarani de Povo Novo, Rio Grande, RS. In: **Histórica**. Nº 3. 1998. p. 33-44.

COSTA, Maria Heloísa Fénelon & MALHANO, Hamilton Botelho. A Habitação indígena brasileira. In: **SUMA Etnológica Brasileira, Vol 2 – Tecnologia Indígena**. Petrópolis: Vozes. 1987. p.27-94.

DIAS, Adriana Schmidt A questão da variabilidade na obra de Lewis R. Binford e sua contribuição para a construção de uma teoria arqueológica In.: **Revista do CEPA** Nº 31, V. 24, Santa Cruz do Sul: CEPA/UNISC. Jan./Jun. 2000. p.7-42.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo: Ática, 1988. 85 p.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas técnicas para o trabalho científico. Explicação das normas da ABNT**. 10ª ed. Porto Alegre: s.n., 2001.

GUERRA, Antônio Teixeira. **Dicionário Geológico-Geomorfológico**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia, 1972. 439 p.

KERN, Arno Alvarez. **Antecedentes Indígenas**. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1994. 139 p.

LA SALVIA, Fernando & BROCHADO, José P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.175p.

LAET, Sigfried. **A Arqueologia pré-histórica**. Lisboa: Bertrand. 1976.

LEROI-GOURHAN, André (Org.). **Pré-História**. São Paulo: EDUSP, 1981. 333 p.

LEROI-GOURHAN, André. **La Prehsitoria** Editora Labor: Barcelona, 1972. 331 p.

LURKER, Manfred. **Dicionário de Simbologia**. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

MEGGERS, Betty J. & EVANS, Clifford. **Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica, manual para arqueólogos**. Washington, D.C.: Smithsonian Institution, 1970. 111 p.

METRAUX, A. **La civilisation Matérielle des tribus Tupi-Guarani** Librairie Orientaliste Paul Geuthner: Paris, 1928. 331 p.

MONTICELLI, Gislene. **Vasilhas de Cerâmica Guarani: um resgate da memória entre os Mbyá**. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação de mestrado. 1995.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Vocabulario y tesoro de la lengua Guarani (Ó mas bien Tupi)**. Volume I e Volume II. Viena-Paris: Faesy y Frick, Maisonneuve y Cia, 1876.

MORAES, José L. de. Tópicos de Arqueologia da Paisagem In: **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia** Nº 10, USP: São Paulo, 2000. p.3-30.

MORLEY, Edna June. **O presente do passado. O que é arqueologia?** IBPC/11ªCR: Florianópolis, 1992 (não paginado).

NAUE, Guilherme & SCHMITZ, Pedro I. & BASILE BECKER, Ítala I. Sítios arqueológicos no Município de Rio Grande. Pesquisas, Antropologia nº 18, Estudos Leopoldenses nº 9. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata.** São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1968. p. 141-52

NAUE, Guilherme. Dados sobre o estudo dos cerritos na área meridional da Lagoa dos Patos, Rio Grande, RS. **Veritas**, Porto Alegre, Tomo XVIII, n. 71, p. 246-269, set. 1973.

NAUE, Guilherme; SCHMITZ, Pedro I.; VALENTE, Wander; BASILE BECKER, Ítala I.; LA SALVIA, Fernando; SCHORR, Maria H.. Novas perspectivas sobre a arqueologia de Rio Grande-RS, In: **0 Homem antigo na América.** São Paulo: Instituto da Pré-história da Universidade de São Paulo, 1971. p. 91-122.

NOELLI, Francisco. **Por uma revisão das hipóteses sobre os centros de origem e rotas de expansão pré-históricas dos Tupi.** Revisão do texto publicado no Boletim da ABA 20:16 com Fabíola Silva, José Brochado e Felipe Escosteguy. Editorado. 1994.

NOELLI, Francisco. **Sem Tekohá não há Teko.** (Em busca de um Modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da Subsistência Guarani e Sua Aplicação a uma Área de Domínio no Delta do Jacuí-RS). Porto Alegre: PUCRS. Dissertação de mestrado. 1993.

PEPNIGOTTI, Oscar & ALMEIDA, Áureo Nunes de. **Depósitos arqueológicos do Município de Rio Grande**. 1961. Mimeo.

POSEY, Darrell A. Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapó), In: **Suma Etnológica Brasileira vol. 1 – Etnobiologia**. Rio de Janeiro: D. Ribeiro, 1986. p. 173-88.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UNB. 1992.

RENFREW, Colin e BAHN, Paul. **Arqueologia: Teorias, Métodos y Práctica**. Madrid: Akal, 1993. 571 p.

RIBEIRO, Pedro Mentz. **Manual de Introdução à arqueologia**. Porto Alegre: Sulina. 1977.

ROUSE, Irving. **Introducción a la prehistoria: um enfoque sistemático**. Barcelona: Bellaterra S.A., 1973. 295 p.

SCHMITZ, Pedro I. Grandes complexos de cerâmica indígena no Sul do Brasil. Pesquisas, Antropologia nº 18, Estudos Leopoldenses nº 9. **Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1968. p. 127-40.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Sítios de pesca lacustre em Rio Grande, RS, Brasil**. Porto Alegre: PUCRS, Inst. de Filosofia e Ciências Humanas., 1976. Tese (Livre-Docência) 237 p.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Migrantes da Amazônia: A Tradição Tupiguarani. In: **Pré-história do Rio Grande do Sul**. Documentos 05. São Leopoldo: UNISINOS. 1991. p. 31-66.

SOARES, André Luis. **Guarani: Organização Social e Arqueologia**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1977.

SOUZA, Alfredo Mendonça. **Dicionário de Arqueologia**. Rio de Janeiro: ADESA, setembro de 1997.

STADEN, Hans. **A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozeza devoradores de homens**. Rio de Janeiro: Dantes, 1998.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin. Arno Kern (Org.) A cerâmica Guarani missioneiro como símbolo de identidade étnica. In: **Arqueologia histórica missioneira**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1998.

TRIGGER, Bruce G. **Historia del pensamiento arqueológico**. Barcelona: Crítica. 1992.

VELTHEM, Lúcia H. Van. Equipamento Doméstico e de trabalho. In: RIBEIRO, Berta (Org.) **SUMA Etnológica Brasileira, Vol 2 – Tecnologia Indígena**. Petrópolis: Vozes. 1987. p. 95-108.

VIETTA, Katya. **Mbyá: Guarani de Verdade**. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação de Mestrado. 1992.

WILLEY, Gordon. Cerâmica. In: **SUMA Etnológica Brasileira, Vol 2 – Tecnologia Indígena**. Petrópolis: Vozes. 1987. p. 231-281.

WÜST, Irmhild. **Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso e de Goiás. - Tentativa de análise espacial**. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais. 1983.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1	Ficha de análise.....	99
ANEXO 2	Listagem da análise quantitativa do material.....	101
ANEXO 3	Mapa da localização da área trabalhada.....	122
ANEXO 4	Croqui da área trabalhada.....	126
ANEXO 5	Perfil Lito-estratigráfico do sítio.....	129
ANEXO 6	Relevo total da área demarcada do sítio.....	131-32
ANEXO 7	Relevo do quadrante 10-30	134-35
ANEXO 8	Relevo do quadrante 30-40 e 30-50.....	137-38
ANEXO 9	Gráfico de análise do material cerâmico.....	140
ANEXO 10	Gráfico de análise do antiplástico dos fragmentos.....	142
ANEXO 11	Desenho de perfil de borda.....	144
ANEXO 12	Algumas vasilhas Cambuchí reconstituídas.....	146
ANEXO 13	Algumas vasilhas Yapepó reconstituídas.....	148-49-50
ANEXO 14	Algumas vasilhas Cambuchí caguâba reconstituídas.....	152-53
ANEXO 15	Algumas vasilhas Ñãembé reconstituídas.....	155-56
ANEXO 16	Uma vasilha Ñaetá reconstituída.....	158
ANEXO 17	Planta de distribuição do material – Quadrante 10-30.....	161-62
ANEXO 18	Planta de distribuição do material em – Quadrante 30-40 e 40-50.....	164-65
ANEXO 19	Quadrante com demarcação da Casa 1.....	167
ANEXO 20	Quadrante com demarcação da Casa 2.....	169
ANEXO 21	Área geral com demarcação das casas 1 e 2.....	171

ANEXO 22	Demonstração de um Jirau interno.....	173
ANEXO 23	Demonstração de um Jirau externo.....	175

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)